

# NOVOS FLUXOS NA BUSCA POR OPORTUNIDADES:

Trajelórias de jovens nas periferias  
da cidade



## PERIFERIA: O INÍCIO DA HISTÓRIA

A importância do território  
na vida dos jovens

## TRAVESSIA

O processo irreversível de  
ganhar a cidade e concluir  
o ciclo escolar

## A AVENTURA

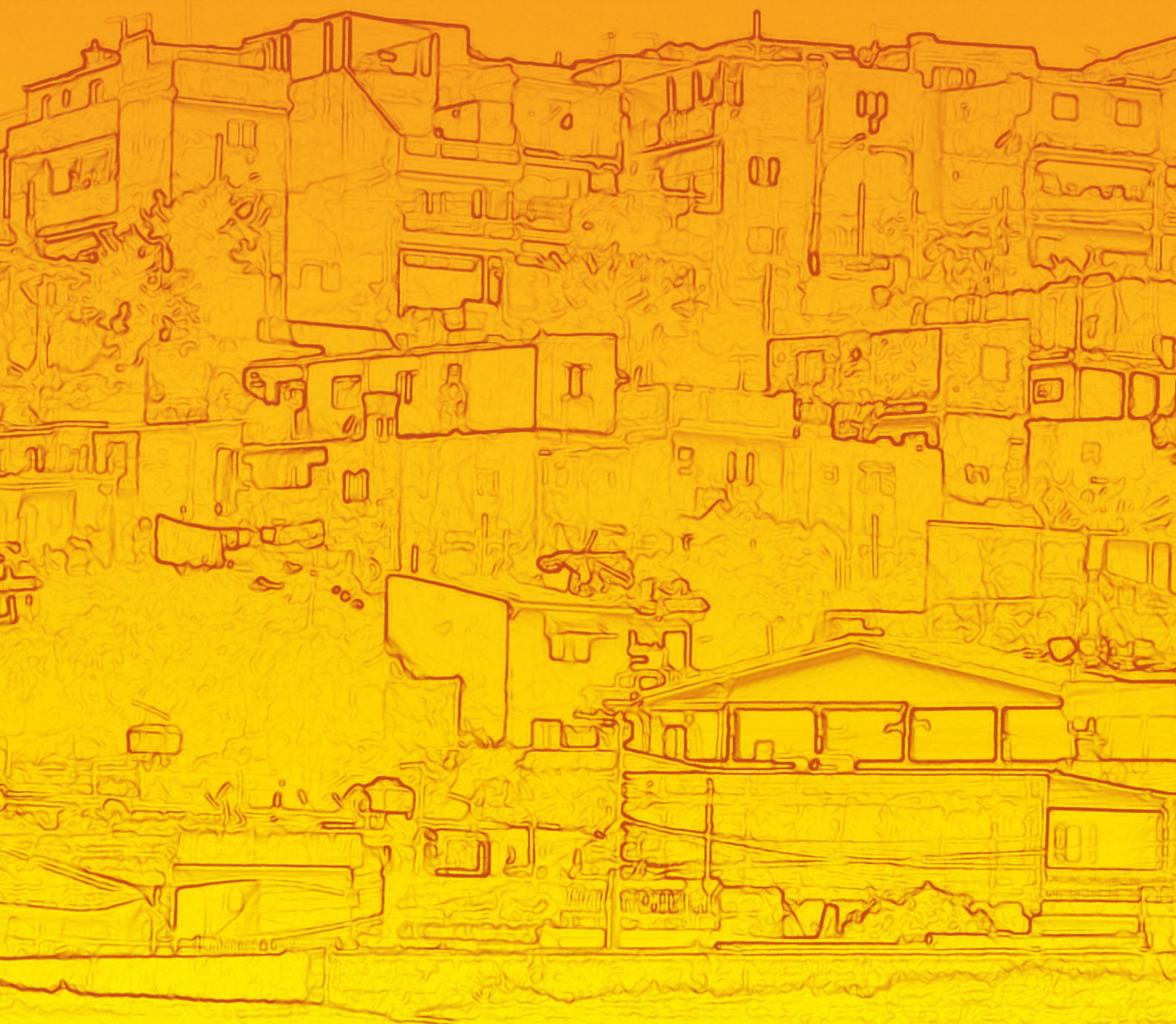
Trajelórias educacional  
e profissional: o ponto em  
que se cruzam

ELIXIR

Aprendizados da jornada



D i M E N S I O N S  
D i S P E R S I O N S  
T E R R I T O R I A L I  
F L U X O R I



# NOVOS FLUXOS NA BUSCA POR OPORTUNIDADES:

Trajetórias de jovens nas periferias da cidade

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Zanelli, Fernanda Fragoso

Novos fluxos na busca por oportunidades :  
trajetória de jovens nas periferias da cidade /  
pesquisa e texto Fernanda Fragoso Zanelli. --  
São Paulo : Fundação Itaú Social, 2016.

Parceria: Instituto Fernand Braudel de Economia  
Mundial.

Bibliografia.

ISBN 978-85-66932-08-9

1. Jovens - Educação 2. Juventude - Aspectos  
sociais 3. Juventude - Educação 4. Participação  
social 5. Periferias urbanas 6. Projeto de Vida  
7. Vida comunitária I. Título.

16-04112

CDD-361.80835

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Jovens e comunidade : Direitos e cidadania :  
Participação social : Bem-estar social  
361.80835



## FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL

### Presidente

Roberto Setubal

### Vice-presidente

Fábio Barbosa

### Superintendente

Angela Dannemann

### Gerente de Educação

Patrícia Mota Guedes

## PARCERIA

### Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial

#### Presidente do Conselho Diretor

Rubens Ricupero

#### Diretor Executivo

Norman Gall

## PUBLICAÇÃO

### Pesquisa e texto

Fernanda Zanelli

### Coordenação Editorial

Lourival Sant'Anna

Norman Gall

Patrícia Mota Guedes

### Leitura Crítica

Angela Dannemann

Carlos Eduardo Garrido

Marcia Coutinho

Milena Duarte

Sonia Dias

Tatiana Bello Djrdjrjan

Wagner Santos

### Ilustração

Paulo O'Meira

### Projeto Gráfico

theSign



N  
O  
S  
T  
R  
O  
S  
T  
A  
G  
O  
S  
S  
E  
N  
T  
A  
L  
E  
S  
E  
N  
T  
A  
L  
E  
S  
E  
N  
T  
A  
L  
E  
S

# VOZ DO NARRADOR

O Brasil já tem um histórico de iniciativas para a juventude suficiente para nos fazer refletir sobre a sua eficácia. As percepções e trajetórias dos jovens merecem fazer parte não só dessa reflexão, mas também dos esforços para aprimorar ou redesenhar políticas e programas. Quais são as estratégias dos jovens para alcançar oportunidades? No caminho que percorrem, como fazem para driblar obstáculos e construir pontes?

A juventude é marcada pela diversidade. A pluralidade de perfis resultantes das diferentes camadas sociais, econômicas, raciais e culturais do país explicam parte dessa heterogeneidade. As soluções cotidianas desenvolvidas pelos jovens compõem múltiplos arranjos criativos, que podem inspirar o poder público e organizações da sociedade civil.

A população de jovens brasileiros residente em periferias é um grupo caro para a economia do país, não só pela sua representatividade estatística, mas pelos potenciais que ela reserva. E essas juventudes têm, cada vez mais, esvaziado espaços tradicionais de participação social, como partidos, sindicatos e associações. Abraçam movimentos espontâneos liderados por pares da mesma faixa etária, sobretudo aqueles que acontecem nas grandes cidades e nas áreas de arte e cultura.

Isso não significa que essa geração não acredite nas instituições, mas pode indicar uma vontade latente de transformá-las. A ocupação das escolas estaduais em São Paulo por estudantes que se posicionaram contra a reorganização proposta pelo governo, no fim de 2015, é um exemplo de mobilização de jovens que querem participar das decisões de um espaço institucionalizado.

A flexibilidade é outro traço juvenil que não pode ser ignorado. Escolher e abandonar, construir e desmontar, juntar e descentralizar, fazer e desfazer movimentos são ações naturais para os jovens, que entram em

conflito com a prática da maior parte das organizações que atuam com esse público. Essa é uma fricção desafiadora, porém, saudável, para que as políticas possam se tornar porosas às mudanças e adaptações necessárias aos novos cenários.

A Fundação Itaú Social e o Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial dedicam esforços no campo da educação integral para a juventude. A Fundação acumulou experiências por meio de programas como o Prêmio Itaú-Unicef<sup>1</sup>, criado em 1995, e, há dez anos, com o programa Jovens Urbanos<sup>2</sup>, ambos em parceria com o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC. O Instituto Braudel realiza o projeto Círculos de Leitura<sup>3</sup> em parceria com escolas públicas desde 2000. No centro dessas iniciativas, como protagonistas, estão os jovens contribuindo na geração de soluções. Acreditamos que é preciso contar com esses talentos para obter êxito na difícil tarefa de reduzir desigualdades e ampliar oportunidades de desenvolvimento à juventude brasileira. E foi essa experiência na prática que pautou nossa parceria nesta pesquisa.

O estudo teve como ponto de partida a escuta dos jovens, conhecendo os desafios e alternativas apontadas por eles em suas trajetórias. O objetivo é organizar recomendações para gestores e educadores sociais que estão à frente de ações para esse público.

Entre 2014 e 2015, foram realizadas entrevistas<sup>4</sup> e grupos focais com jovens de 15 a 29 anos, moradores de bairros periféricos de todas as regiões da capital paulista e de São Bernardo do Campo, região metropolitana. O estudo também contou com observações em espaços ocupados pela juventude, como escolas, bairros e intervenções culturais. Ao material coletado no campo somaram-se aprendizados de pesquisas de maior abrangência estatística e geográfica, além de registros compartilhados pelos jovens em redes sociais e canais digitais.





Acervo Jovens Urbanos, 2014.  
Experimentação de fotografia: André Bueno.

Como nas histórias de ficção, em que os personagens trilham um caminho de obstáculos e aprendizados, o roteiro da presente pesquisa passa pelas diversas fases percorridas pelos jovens na busca por oportunidades. Começa enfatizando a **diversidade das periferias** de São Paulo e a influência do território para a juventude. Em seguida, traz exemplos de **redes** que levam aos jovens **os chamados para a aventura**, que significam convites para **novas experiências**, principalmente aquelas que se referem **à educação**. Na seção seguinte, o estudo enfoca a **recusa do chamado**, que problematiza, a partir dos relatos dos entrevistados, **os diversos motivos que levam à não participação em oportunidades de**

**desenvolvimento**. Fala também sobre o **papel dos mentores** (tais como professores, médicos, gestores) e a relação controversa com **a família** no período de difíceis decisões que a juventude traz. Por fim, o estudo retrata **momentos de travessia**, como o encerramento do **ensino médio**, para início da **grande aventura**, que no texto foi representada pela entrada na **universidade e no mundo do trabalho**.

Esperamos que esse estudo possa dar contribuições significativas, trazendo novos elementos ao debate e à ação em favor das juventudes brasileiras.

Boa leitura.

1. Prêmio Itaú-Unicef é um programa dedicado ao reconhecimento e à formação de projetos de educação integral que envolvem a parceria entre Organizações da Sociedade Civil e unidades escolares. Iniciativa da Fundação Itaú Social, com Coordenação do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC. Saiba mais em <https://educacaoeparticipacao.org.br/premio-itaú-unicef>.
2. Jovens Urbanos é um programa de ampliação de repertório sociocultural de jovens moradores de territórios de alta vulnerabilidade social em grandes centros urbanos; iniciativa da Fundação Itaú Social, com Coordenação do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC. Saiba mais em <https://educacaoeparticipacao.org.br/jovens-urbanos>.
3. Círculos de Leitura é uma iniciativa que promove o desenvolvimento de jovens por meio da leitura de clássicos da literatura e debate em pequenos grupos, trabalhando questões como identidade, cidadania e relacionamento com a comunidade. Saiba mais em <http://www.circulosdeleitura.org.br>.
4. Quinze entrevistas em profundidade, cada uma com cerca de uma hora de duração.

# ÍNDICE



## NOVOS FLUXOS NA BUSCA POR OPORTUNIDADES

Introdução

pág. **10**

## PERIFERIA: O INÍCIO DA HISTÓRIA

A importância do território  
na vida dos jovens

pág. **14**



## REGRESSO

Principais conclusões

pág. **40**

## ELIXIR

Os aprendizados da jornada

pág. **42**

## A AVENTURA

Trajетórias educacional e profissional:  
o ponto em que se cruzam

pág. **36**

## TRAVESSIA

O processo irreversível de ganhar  
a cidade e concluir o ciclo escolar

pág. **30**

## DE ONDE VÊM OS CHAMADOS PARA A AVENTURA?

A criação dos laços e a descoberta  
de experiências

pág. **18**

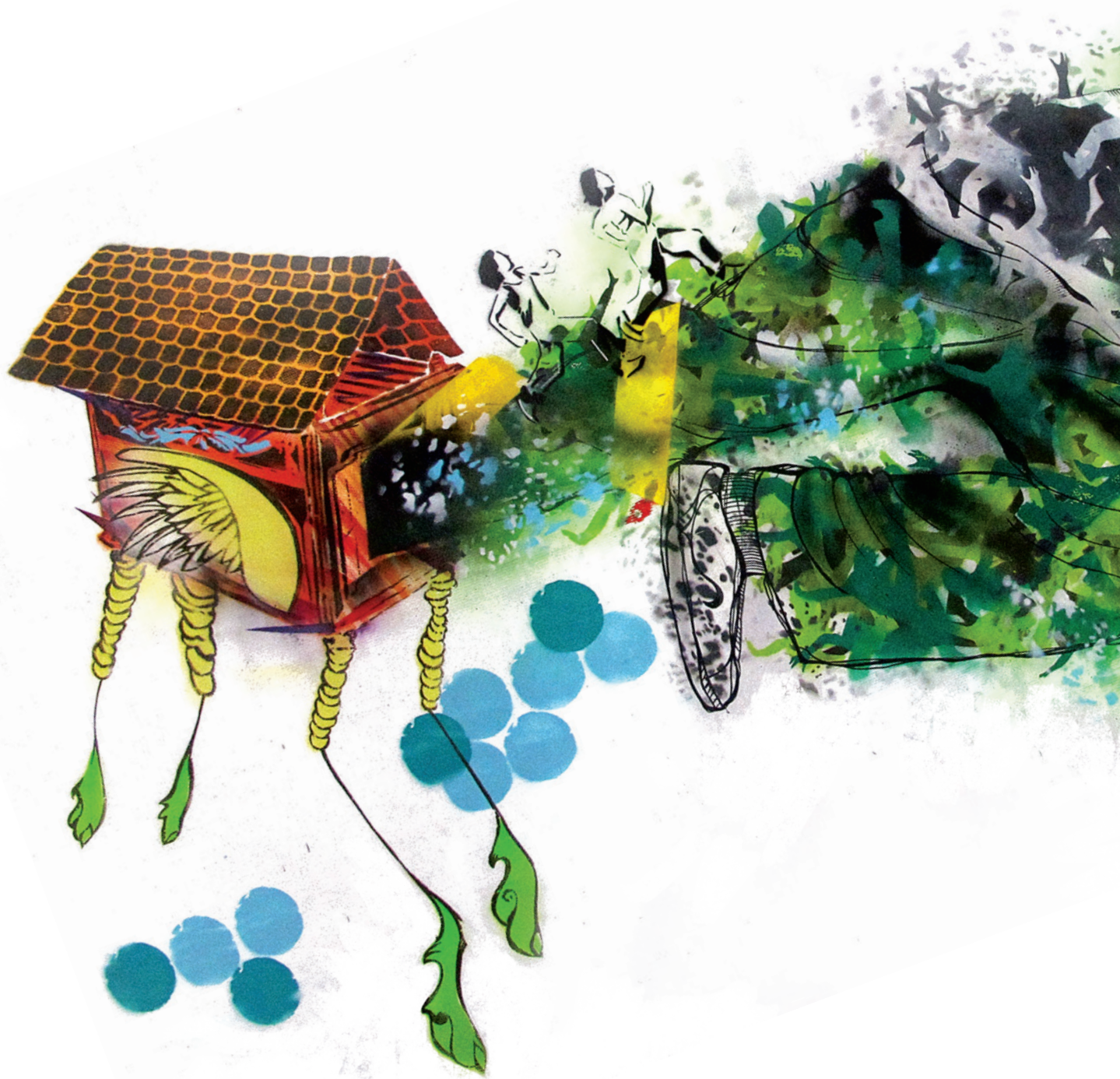
## ENCONTRO COM O MENTOR

pág. **28**

## O QUE LEVA À RECUSA DO CHAMADO?

pág. **24**

# NOVOS FLUXOS NA BUSCA POR OPORTUNIDADES





## INTRODUÇÃO

Chovia forte quando estudantes da escola estadual Godofredo Furtado, em Pinheiros, bairro de classe média alta na zona oeste da capital paulista, organizavam-se para mais uma atividade de ocupação da escola. Munidos de touca e avental, encarregavam-se de cozinhar a merenda para os colegas que chegavam. Muitos vinham de outras escolas ocupadas. A maioria seguia a tendência dos matriculados na Godofredo: eram de regiões periféricas da zona oeste e sul de São Paulo. O mau tempo atrapalhou o plano original de realizarem um sarau, mas não impediu que os adolescentes comparecessem para participar da aula de dança que o substituiu. Enquanto isso, crescia o número de escolas ocupadas por estudantes na rede estadual de ensino, frente à decisão do governo de remanejar matrículas. Suas reivindicações convergiam para uma única mensagem: A escola é nossa!

Nos últimos anos, a crise de audiência no ensino médio tem sido um dos temas sobre juventude mais discutidos por gestores educacionais e pauta de muitas ações público-privadas. Muitas vezes, para explicar o abandono em massa, coloca-se foco no desinteresse e na apatia da juventude. Mas o movimento das ocupações mostrou jovens na contramão da evasão, em luta pela apropriação do espaço escolar. Afinal, era domingo, às vésperas das festas do fim de ano de 2015, quando os alunos daquela escola na zona oeste distribuíam tarefas entre si para garantir alguma atividade formativa durante as ocupações.

A experiência das ocupações é um retrato de como o potencial de engajamento do jovem no desenho e implementação de políticas e programas continua frequentemente subestimado – e subutilizado – no Brasil.

Para reconhecer todo o potencial de mobilização dos jovens, é necessário também prestar atenção à sua heterogeneidade. Por exemplo, diferentes vozes conviveram no episódio das ocupações. Uma parcela importante dos alunos e de seus familiares posicionaram-se contra. A maior parte se preocupava com as aulas não dadas nesse período ou com as consequências para a entrega do certificado de conclusão, fundamental para matrícula em vagas do ensino superior. A prova do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) também dividiu opiniões: muitos alunos temiam ser prejudicados pela ausência no exame, uma vez que a direção historicamente afirmava a importância de fazê-lo.

Os estudantes da ocupação, no entanto, estavam longe de ser um grupo pouco significativo. Uma de suas características marcantes foi a capacidade de rápida irradiação. Em visita à escola Godofredo Furtado, foi possível observar a rede de colaboração e comunicação entre unidades ocupadas. Alunos deslocavam-se para a escola vizinha para fortalecer o grupo de meninas recém-ocupantes da Alvez Cruz, que, apesar de ser em Tempo Integral e por isso estar fora da reorganização de matrículas, fora também ocupada em apoio às outras unidades da rede, conforme afirmaram as jovens. Falas, como: “Precisamos ajudar as escolas que estão começando e onde tem menos pessoas” ou “A gente sabe que a nossa força está na união, na comunhão”, sinalizavam a intencionalidade dessas ações.

Essa rede, também ativada por canais digitais, passou a funcionar não só entre estudantes e escolas, mas também transbordou para bairros e ruas. Residências vizinhas às ocupações apoiaram os alunos com a doação de suprimentos, solicitados pelos jovens em mensagens afixadas no portão. Na página do Facebook da ocupação da Godofredo Furtado houve, inclusive, um convite para que os vizinhos participassem com os alunos de um almoço de Natal. Carteiras e cadeiras foram parar nos protestos das ruas, um recado de que, para os jovens, a ocupação e o debate que ela trazia consigo precisavam ganhar a cidade. Diariamente, os números de escolas ocupadas eram atualizados pelos jornais, passando de 180 em dezembro de 2015.

O movimento das ocupações foi apenas um dos episódios que têm colocado a juventude em evidência nos últimos dois anos. Os protestos de junho de 2013, que eclodiram em todo o Brasil, marcaram o início dessa série de acontecimentos. Em diálogo com outros movimentos internacionais, engatilhados pelo Movimento Passe Livre, os protestos começaram como uma grande mobilização contra o aumento da passagem de ônibus e mais tarde passaram a conviver com outras pautas, inclusive de diferentes correntes ideológicas. Os manifestantes de junho eram de todas as idades, mas os jovens assumiram o protagonismo, desafiando pesquisas anteriores sobre a distância dos jovens das grandes reivindicações.

Em dezembro de 2013, o Shopping Metrô Itaquera (zona leste de São Paulo) foi a sede do *rolezinho*,



Acervo Jovens Urbanos, 2014.  
Experimentação de fotografia: André Bueno.



que concentrou 6 mil pessoas em uma só tarde. Os jovens foram em busca de *selfies*, mas também levaram com eles uma grande questão sobre as juventudes das periferias e a circulação pela cidade.

No ano seguinte, manifestações contrárias à Copa do Mundo, em sua maioria lideradas pela juventude, intensificavam-se no país, ao mesmo tempo em que os chamados “jovens nem nem” (nem estuda nem trabalha) viraram até tema de novela. Em paralelo, no campo das políticas públicas, o Estatuto da Juventude finalmente entrou em vigor – com o objetivo de garantir os direitos da população de 15 a 29 anos –, ao mesmo tempo em que uma grande contradição acontecia: a tramitação da redução da maioridade penal avançava no judiciário.

Na tentativa de mapear as manifestações juvenis, engana-se quem acha ser possível fazê-la com precisão. Lado a lado dos movimentos já descritos, há aqueles que crescem em nichos específicos, invisíveis para a maior parte da população. Um exemplo é o *Fluxo de funk*. Para além dos eventos de rua em que multidões se reúnem para dançar “o passinho” na órbita de carros com potentes sistemas de som, o *Fluxo* é um movimento organizado por jovens da periferia que responde basicamente a duas necessidades: a de ter espaços de socialização e lazer e a de produzir e divulgar produções culturais. Sobre a última, é ainda mais emblemática a forma como grupos juvenis têm reinventado novas formas de produzir e consumir músicas, levando para a periferia um novo mercado.

Da ocupação escolar ao *Fluxo do funk*, importantes movimentos têm sido protagonizados por jovens residentes em periferias. E não deveria ser surpresa. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de

Domicílios – PNAD (2012), um quarto da população brasileira está na faixa de 15 a 29 anos. Dessa parcela, 29,5% são provenientes de famílias com renda *per capita* de até meio salário mínimo. Do total de jovens no país, 84% vivem em regiões urbanas (Censo 2010), e suas periferias concentram um número expressivo da juventude brasileira.

Tratar de políticas públicas para a juventude, portanto, passa por um olhar atento às juventudes das periferias, às suas necessidades, iniciativas e anseios, em meio à grande desigualdade social que enfrentam. Mas esta é uma tarefa complexa. As dinâmicas juvenis exigem flexibilidade que as instituições, com os seus processos rígidos e morosos, custam a acompanhar. A começar pela necessidade de formulação e implementação de programas que sejam transversais, contemplando diferentes assuntos, como: educação, saúde, cultura, segurança e trabalho. Para isso, é necessário promover parcerias não só entre diferentes secretarias e departamentos na área pública, mas também entre os diversos grupos e organizações presentes nos territórios periféricos.

Um caminho necessário, e ainda pouco comum, é buscar soluções a partir de parcerias com essas múltiplas juventudes, reconhecendo os movimentos e trajetórias que nelas pulsam. Os próprios jovens em suas diversas iniciativas, contradições e estratégias, muitas vezes anônimas, oferecem pistas para o enfrentamento dos problemas sociais que gestores tentam por décadas resolver. Suas trajetórias demonstram grande capacidade de tecer e usufruir redes que ultrapassam os limites das instituições. E é justamente essa criatividade em desbravar novos fluxos na busca por oportunidades que pode inspirar novas formas de pensar e fazer política pública para a juventude.

## DA FICÇÃO PARA O DIA A DIA

Nas obras de Joseph Campbell, sobretudo em “O herói de mil faces”, o autor estuda a jornada do herói em diversas narrativas literárias, identificando fases comuns entre elas, pelas quais todo protagonista precisa passar.

O conceito de herói resgatado nesse trabalho não remete à exaltação do indivíduo como aquele que supera todos os obstáculos munido apenas de sua força de vontade. Assim como na vida, o protagonista não age sozinho, ele conta com uma rede de aliados. Na busca pela identidade, o herói escapa de si mesmo e serve a um propósito comum, como nos lembra Campbell.

Nem todas as fases da jornada, porém, foram contempladas neste estudo. O intuito dessa referência é organizar as seções da publicação e oferecer ao leitor um fio condutor que esteja à altura das ricas histórias relatadas pelos entrevistados.

# PERIFERIA: O INÍCIO DA HISTÓRIA

O “mundo comum”, na literatura, é o ponto de partida de qualquer história. Para os jovens entrevistados, a periferia é esse mundo. A importância do território é marcante nas trajetórias juvenis, pois é o lugar em que o jovem fortalece suas raízes e identifica suas primeiras oportunidades de desenvolvimento.





## A FORMAÇÃO DAS PERIFÉRIAS

A partir da década de 1950 as periferias foram se tornando cada vez mais densas na capital paulista à medida que o processo de industrialização no estado ganhou força. A taxa média de incremento da população estadual deu um grande salto de 2,50% na década de 1940 para 3,39% na década de 1950, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. São Paulo recebeu pessoas de todas as partes do país nessa época, principalmente migrantes da região nordeste. Essa população buscava novas oportunidades de trabalho na construção civil, nas fábricas e no parque industrial automobilístico do ABC – Santo André, São Bernardo e São Caetano – região metropolitana.

Enquanto a cidade de São Paulo entrava em estado de ebulição, bairros foram surgindo cada vez mais distantes do centro. O lucro em curto prazo foi a prioridade do sistema de especulação imobiliária que tratou de forma predatória os territórios. Aqueles que tinham dinheiro se acomodaram pelas partes que lhes cabiam no latifúndio fragmentado das terras regulares e bem servidas dos serviços da cidade. Aqueles que não podiam foram empurrados para onde havia terrenos baratos, lotes a serem ocupados em áreas de preservação ambiental ou impróprias para moradias, como mananciais e encostas de morros. E a cidade foi esticada como uma massa crua, deixando sua parte

mais consistente no centro e estendendo seus tentáculos longos e frágeis, que hoje são as bases para milhares de moradias.

Dados mais recentes do Sistema de Informações para Habitação Social na Cidade de São Paulo mostraram que, em 2008, a concentração de assentamentos precários era predominante na zona leste e nas áreas de mananciais da zona sul, ambos territórios periféricos<sup>5</sup>.

## CONTRASTES

A palavra “periferia” esconde realidades diversas. Essas diferenças tornam-se evidentes a partir do retrato descrito pelos jovens sobre os bairros onde moram. Dois desses bairros exemplificam bem esses contrastes: Jardim Arpoador (zona oeste) e Capão Redondo (zona sul).

O Capão Redondo começou a ser ocupado em meados do século 19 por imigrantes alemães. Em seguida, já no final daquele século, foi o destino de adventistas missionários. A partir da segunda metade do século 20, chegaram os nordestinos. Por volta da década de 1960, surgiram as primeiras favelas. A população chegou bem antes dos serviços públicos. Muitas casas foram construídas por mutirões de moradores. Por volta de 1980, surgiu o primeiro conjunto habitacional, a COHAB, no lugar da antiga fazenda adventista. Aos poucos, foram chegando escolas, unidades de saúde e outros equipamentos, por pressão dos moradores organizados.

Na década de 1990, os bairros de Jardim Ângela, Jardim São Luiz e Capão Redondo lideravam o *ranking* de homicídios juvenis e eram carimbados de “triângulo da morte”. Na mesma época, despontava o fenômeno Racionais MCs, grupo musical que fez de seus *raps* uma pintura fiel da paisagem, narrando, fase a fase, a experiência da periferia. Letras que refletiam o contexto violento, a influência de grupos religiosos e a busca constante pela identidade periférica em face do aumento do poder aquisitivo. A partir daí, uma malha de iniciativas culturais foi constituída, atraindo investimentos públicos e privados.

Atualmente os vizinhos do Capão Redondo (Jardim Ângela e Grajaú) concentram a maior população juvenil do município: 86.004 e 103.260 respectivamente<sup>6</sup>.

Esta é a história herdada pelos jovens do Capão Redondo, que diz muito sobre o seu “orgulho de pertencer” a este lugar. Alan Cunha, 29 anos, educador e militante das causas da juventude nas periferias da zona sul, mora na Cidade Ademar, bairro vizinho. Ele acha graça sempre que os jovens o advertem: “Aqui é Capão, Alan, você não sabe”. Alan explica: **“A periferia deles é famosa, então, eles têm grifes próprias”. Por exemplo, a 1dasul e a Deeanto. Essas marcas são fundamentais para o fortalecimento da identidade da quebrada.** “Eles ostentam a coisa do Capão Redondo na camiseta”, diz Alan. E ainda atraem muitos jovens de outros bairros que vão até a periferia para consumir esses artigos.

5. Dado disponível no Mapa da Juventude, divulgado em 2014 pela Prefeitura de São Paulo em parceria com a Universidade Estadual de São Paulo.

6. Os números se referem ao ano de 2013, o dado está disponível no Mapa da Juventude, divulgado em 2014 pela Prefeitura de São Paulo em parceria com a Universidade Estadual de São Paulo.

Enquanto na *Wikipédia*, por exemplo, há uma detalhada cronologia da história do Capão Redondo, os bairros do distrito Raposo Tavares, como Jardim Arpoador, nem sequer têm uma página na rede colaborativa.

Contam os antigos moradores do Jardim Arpoador que, ainda nos anos 80, aquele bairro era praticamente rural. Fazendas dedicadas à prática agrícola eram mais comuns que moradias. Não havia padarias ou mercados, escolas ou igrejas. No entanto, havia uma promessa de “tranquilidade”, vendida por uma única empreiteira que construía casas e condomínios fechados em duas ou três ruas do bairro. Uma rua sem saída, especificamente, fora revestida de paralelepípedos e chorões (árvores grandes e vistosas). Em seguida, prédios coloridos foram erguidos em sua margem.

Edileuza Fragoso<sup>7</sup>, 61 anos, conta: “Quando me mudei, eles construíram uma guarita na ponta da rua e

fecharam só para os moradores. Mas, da janela de casa, que dava para um terreno baldio, a gente via meia dúzia de barracos do outro lado do muro, que eles disseram que iriam tirar em breve”. Não só não foram removidos como alguns se tornaram de alvenaria e ganharam mais cômodos.

A classe média sonhadora viu a promessa de “Granja Viana” (bairro de elite, próximo ao local) desabar junto às enchentes que colocaram abaixo o muro que a separava dos barracos. Por fim, a rua, que era sem saída, tornou-se a entrada da favela Uirapuru. O mesmo se repetiu em todo o bairro, que foi povoado por conjuntos habitacionais e ocupações de moradias. Aquela primeira rua de sobrados, em sua maioria construída pela mesma empreiteira, hoje é conhecida entre os moradores como “rua dos boys”. *Boys*, nesse contexto, é uma gíria derivada de *playboy*, aquele que é conhecido por ter mais dinheiro, em comparação a outras pessoas do bairro.

## NÃO SÓ AS PERIFÉRIAS SÃO DIFERENTES ENTRE SI, COMO TAMBÉM ABRIGAM AS DISPARIDADES SOCIAIS DA CIDADE. APESAR DE SEREM COMPOSTAS POR MORADIAS POPULARES, TODAS TÊM A SUA “RUA DOS BOYS”.

À paisagem se somaram recentemente o Centro Educacional Unificado (CEU) e a Escola Técnica, ambos com o nome de Uirapuru e resultantes da mobilização local. Apesar da existência desses equipamentos, de algumas organizações sociais e de coletivos juvenis, a maioria dos moradores desconhecem tais estruturas. Isso limita a ação de movimentos culturais que poderiam ampliar oportunidades para o público juvenil.

A consequência é que grande parte da geração de jovens moradores desses bairros da zona oeste não se orgulha do lugar onde vive; no melhor cenário, é indiferente a ele. Para aqueles que têm mais condições financeiras, o mais comum é buscar alternativas estudando em escolas estaduais distantes, a cerca de uma hora de ônibus, nas proximidades da Rodovia Raposo Tavares ou do outro lado da Ponte

Eusébio Matoso; ou se matricular nas poucas escolas particulares a preços populares que o bairro oferece.

Não só as periferias são diferentes entre si, como também abrigam as disparidades sociais da cidade. Apesar de serem compostas por moradias populares, todas têm a sua “rua dos boys”. A heterogeneidade talvez seja um dos pontos em comum entre todas elas. Esse dado não é tratado com a devida atenção. Não raramente sugerem-se soluções homogêneas para os jovens da periferia, sem levar em consideração que as condições de vida de cada jovem podem influenciar muito a forma como ele responderá aos desafios que encontrar.

Já um dos denominadores comuns entre os jovens de locais periféricos, independentemente das diferenças entre as periferias e suas partes, é o conflito



de identidade que se instala quando passam a frequentar outros espaços da cidade. **À medida que eles começam a sair de seu “mundo comum”, para acessar oportunidades fora do seu bairro, a sua relação com o lugar onde nasceram passa a ser de dormitório. Este é um movimento natural, no qual o sentimento de pertencimento muitas vezes acaba em xeque.** Aconteceu com Bernardo<sup>8</sup>,

de Guaianazes (zona leste), que foi contemplado com uma bolsa de estudos na Pontifícia Universidade Católica (PUC), no bairro de Perdizes (bairro nobre), e se fez a seguinte reflexão: **“Agora eu passo a maior parte do meu tempo em Perdizes. Sou praticamente um playboy sem dinheiro” (risos).** Frases como essas revelam um dilema importante para esses jovens: ainda sou da quebrada?

## EM SÍNTESE, DUAS IDEIAS CENTRAIS MARCAM A RELAÇÃO DO JOVEM COM O TERRITÓRIO E OFERECEM APRENDIZADOS:

1

Há uma grande diversidade na composição das periferias (social e econômica, por exemplo) e mais ainda entre elas, afetando a relação do jovem com o bairro e, conseqüentemente, as respostas dele diante de desafios e oportunidades.

2

No momento em que o jovem acessa outros espaços, ele se sente no limbo, pois já não se reconhece como parte do bairro onde nasceu, por passar a maior parte do tempo fora, e muito menos um morador dos outros bairros mais centrais que começou a frequentar – geralmente pelo estudo ou trabalho.

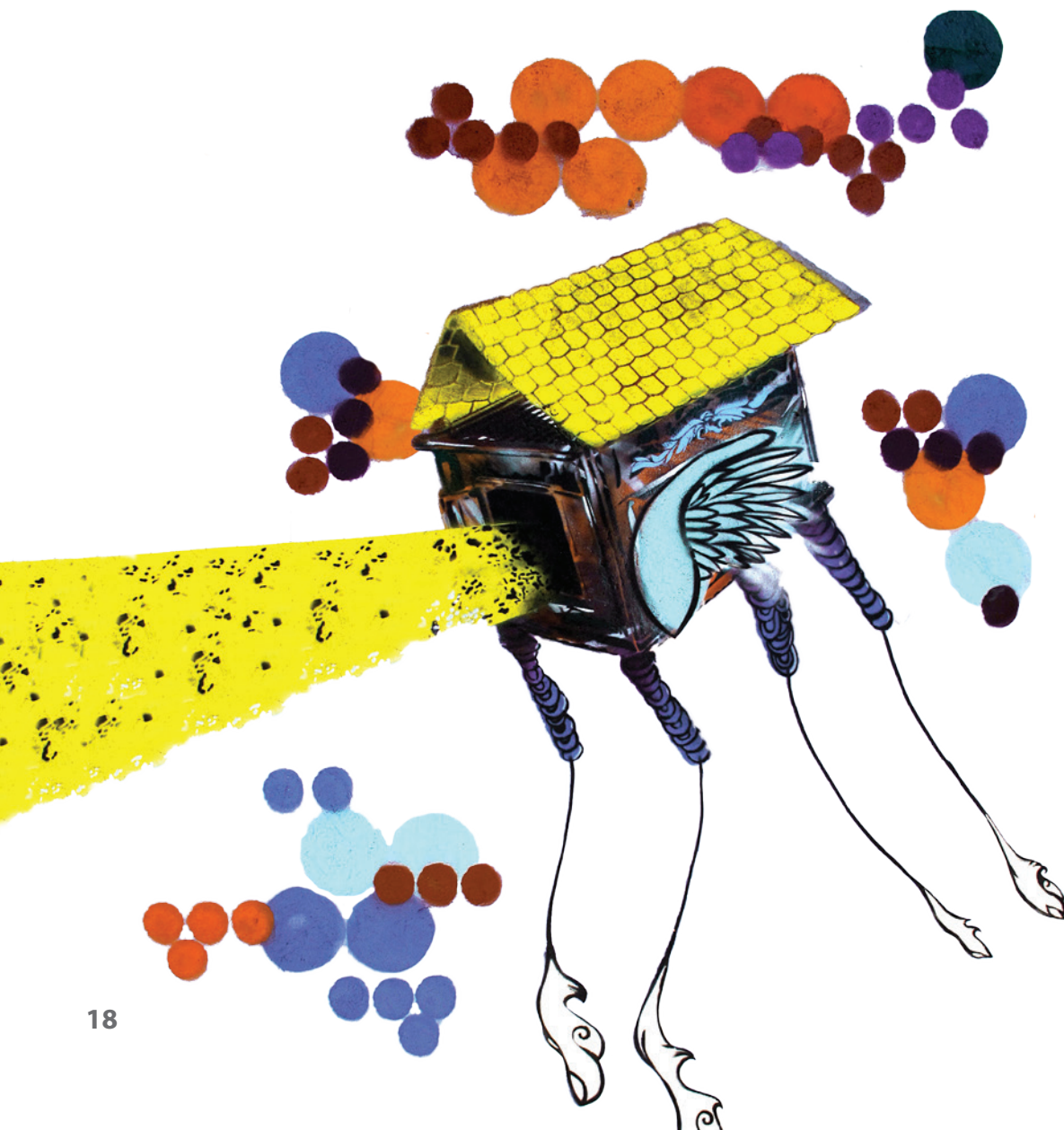
8. Nome fictício. Nesta publicação, alguns nomes serão substituídos por nomes fictícios no sentido de preservar a identidade dos jovens entrevistados.



Jardim Arpoador, 2015. Vista da janela de Edileuza, moradora do bairro há mais de 30 anos. Foto: Fabio Dantas Rocha.

# DE ONDE VÊM OS CHAMADOS PARA A AVENTURA?

Cedo ou tarde, a convocação para a aventura acontece. Para os jovens, esses chamados costumam vir das redes em que eles estão inseridos. As escolas e os fóruns *online* são exemplos de onde essas redes se formam com facilidade.





## PROTAGONISMO JUVENIL NA ESCOLA

O papel da escola vai além da aprendizagem das tradicionais disciplinas, pois é um importante espaço de socialização para o jovem. Um centro agregador de oportunidades e capital social que são determinantes para o desenvolvimento de quem passa por ela. Por ser um microcosmo na vida dos alunos, é na escola que eles alimentam expectativas de serem convocados para dar a sua opinião. No momento em que são excluídos do diálogo, encontram outras formas de expressão.

O antropólogo Alexandre Pereira observou essa relação entre jovens do ensino médio e escolas estaduais da periferia. Em sua tese de doutorado *“A maior zoeira”: experiências juvenis na periferia de São Paulo*<sup>9</sup>, concluída em 2012 na Universidade de São Paulo, ele relatou uma estrutura que quase sempre era surda para a voz dos alunos, criando regras sem envolvê-los. A resposta vinha dos estrondos das bombas rotineiramente instaladas na escola. Segundo o autor, possivelmente essa foi uma forma que os alunos encontraram de se fazer escutar.

Talita<sup>10</sup>, 17 anos, mora na região do Capão Redondo, zona sul de São Paulo. Por acaso, acompanhava a entrevista de outro colega e na ocasião não se furtou a dar a sua opinião sobre o assunto: “Eles não sabem lidar com seres humanos jovens. Nós temos que ter acompanhamento diferente. Precisamos ter mais voz, e para ter continuidade precisa vir de dentro”.

Talita foi a primeira a reconhecer que o protagonismo alcançado pela geração dela no espaço escolar foi uma grandiosa conquista. Naquele ano, os jovens tinham, efetivamente, um canal de diálogo com a direção, conseguiram expor as suas necessidades e realizar ações. Mas todo esse movimento teve início em um

projeto externo, parceiro da escola, no qual um dos pilares era, justamente, levar a sério o protagonismo juvenil. A preocupação dessa jovem, no entanto, era o dia seguinte: “O programa vai acabar este ano, e logo logo nós também vamos sair. Como fica para aqueles que virão depois da gente?”

O descontentamento dos jovens, durante a conversa, ficou bastante localizado na relação hierárquica que a direção assume: “Eles fazem questão de mostrar que estão em cima e nós embaixo”, complementou Talita. Por outro lado, aqueles que se aproximam do dia a dia escolar percebem que os desafios são grandes. “Eu entendo o lado da escola de não ter profissionais para tocar essas coisas. Os professores recebem por hora-aula, a direção tem todos os problemas para resolver, a gestão não tem ninguém pra cumprir esse extra que precisava acontecer”, explica o educador Alan. A promoção do diálogo com o território também é prejudicada nesse contexto: “A maior parte dos professores não é do bairro. Eles vêm, dão aula e vão embora”, completa.

A gestão, por sua vez, deixa de aproveitar o potencial dos jovens para enfrentar essas dificuldades. Ficou claro, durante as entrevistas, que o jovem espera que o adulto conte com ele, principalmente para participar de decisões que o afetam diretamente, como é o caso daquelas que estão no universo escolar. E essa é uma questão que deve se desdobrar para outras esferas do sistema de ensino, inclusive nos órgãos centrais, como secretarias de educação. Um exemplo que ilustra esse ponto é a ocupação promovida por alunos da rede estadual de São Paulo, no fim de 2015. As unidades escolares que estavam na lista do governo do estado para um remanejamento de matrículas foram ocupadas por estudantes que se mobilizaram contra a efetivação da proposta. A entrada de mais alunos por série e a transferência obrigatória para outras escolas foram alguns dos motivos da mobilização. Outro ponto muito criticado foi a ausência de diálogo com os jovens e familiares antes da tomada de decisão.

**QUANDO AS EQUIPES EDUCACIONAIS RECONHECEM ESSE POTENCIAL DOS ESTUDANTES EM PARTICIPAR DA GESTÃO E INVESTEM NESTA ALIANÇA, PASSAM A TER PARCEIROS IMPORTANTES PARA REVERTER OS PROBLEMAS DO SEU COTIDIANO.**

9. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-17112010-141417/pt-br>.

10. Nome fictício.

REY N DER VOX RHE A ERONG G M DE O  
A P E I S D I N A M I C O

## REDE JOVEM E LEGITIMIDADE

Nos últimos anos, tem crescido o número de programas que buscam novas formas de desenvolvimento para os jovens. Esses projetos, muitas vezes coordenados por organizações da sociedade civil, vêm fortalecendo práticas a partir da necessidade real de apoiar as escolas na oferta de atividades que contem com diferentes espaços, linguagens e abordagens. O Plano Nacional de Educação, o PNE, divulgado em 2014, traz a seguinte redação: "Oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% dos(as) alunos(as) da Educação Básica", conforme diz a meta 6<sup>11</sup>,

divulgada pelo Ministério da Educação. Embora esteja explicitado o aspecto de ampliação da jornada escolar, é preciso considerar também a diversificação do currículo, pois o desafio é promover o desenvolvimento pleno dos alunos, aprimorando habilidades e conhecimentos de diferentes naturezas. O prazo da meta 6 é 2024, e, para que ela seja atingida a tempo e com qualidade, contar com a parceria de projetos desenvolvidos no bairro passa a ser vital. É também por isso que tem sido cada vez mais comum os jovens serem apresentados no ambiente escolar a múltiplas oportunidades de desenvolvimento realizadas por projetos externos.



Acervo Jovens Urbanos, 2014.  
Experimentação de fotografia: André Bueno.

**“A EDUCADORA FOI LÁ NA ESCOLA DAR UMA PALESTRA E NO FINAL PERGUNTOU QUEM QUERIA SE INSCREVER. EU ME INTERESSEI SÓ PORQUE DUAS AMIGAS SE MOSTRARAM INTERESSADAS”.**

Algumas escolas, no entanto, são menos criteriosas na seleção dessas iniciativas, e os alunos acabam “bombardeados” inclusive por propagandas de cursos pagos, que muitas vezes prometem bolsas inexistentes.

Os jovens entrevistados, por sua vez, contam sobre estratégias para filtrar esses chamados. **A maioria deles acaba se inscrevendo apenas naquelas oportunidades já legitimadas pelos amigos ou conhecidos.**

A rede de amigos é um grande canal de acesso ao jovem quando o assunto são novas experiências. Presente em muitos lugares, ela é delineada com mais facilidade na escola também pela frequência de encontros e proximidade física entre eles.

Jessica<sup>12</sup> é moradora da região da Brasilândia desde que nasceu, 16 anos atrás. Percebe-se rapidamente sua disposição para conhecer novos lugares e pessoas, até como forma de traçar planos futuros, como a escolha de uma profissão: “Agora eu só penso em sair bastante, conhecer bastante gente e coisas pra ver se numa dessas eu consigo achar o que eu quero fazer”. Mesmo com toda essa abertura, Jessica

não nega que o apoio dos amigos sempre fez toda a diferença para que ela escolhesse participar ou não de alguma atividade.

Foi assim quando assistiu à palestra realizada por um programa de ampliação de repertório sociocultural: “A educadora foi lá na escola dar uma palestra e no final perguntou quem queria se inscrever. **Eu me interessei só porque duas amigas se mostraram interessadas**”, confessou. Mesmo diante da desistência das amigas, Jessica continuou participando. “Nem sei como fiz isso. Mas gostei muito”. **As amigas de Jessica funcionaram como trampolim que lhe deu impulso para participar de algo novo.**

Há outros casos em que os amigos desempenham o papel de mensageiros de oportunidades. Mesmo que a informação já tivesse chegado ao jovem pelas vias formais, muitas vezes, é no momento em que o colega a retransmite que ela passa a existir de fato. **Esse processo se dá não só pelo diálogo, mas também pelo comportamento. Em outras ocasiões os jovens relatam a necessidade da companhia dos amigos para melhor desempenhar certas atividades, sobretudo em um ambiente onde eles não frequentam no seu dia a dia.**

11. Saiba mais sobre a meta 6 do Plano Nacional de Educação em <http://www.observatoriodopne.org.br>.



## LAÇOS

Uma importante contribuição no estudo das redes foi dada pelo sociólogo americano Mark Granovetter. Em sua pesquisa *The Strength of Weak Ties* ("A Força dos Laços Fracos"), ele observou que a maior parte das pessoas possui uma rede social composta por laços fortes e fracos. De forma bem simplificada, os laços fortes são aqueles que têm como base a confiança, a identificação e a frequência de contato – na escola, por exemplo – entre dois amigos, parentes, etc. Já os laços fracos são vínculos indiretos – amigos de amigos ou simplesmente conhecidos.

**Os laços fracos diversificam experiências, mas é só a partir do apoio do laço forte que a novidade passa a ser aceita. É disso que parece se tratar quando o jovem se engaja em determinada oportunidade somente depois da legitimação de um amigo.** No caso de Jessica, a oportunidade foi trazida por um laço fraco – um programa externo à escola – e foi legitimada por duas amigas, algo decisivo para sua escolha final.

Além da escola, essa malha de contatos e oportunidades também é tecida em outros espaços. As redes sociais *online* estão cada vez mais presentes no cotidiano de jovens de qualquer classe social. A pesquisa<sup>13</sup> realizada pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), em 2013, com 3.300 jovens em 187 municípios, mostrou que quase nove em cada dez possuem celular. Oito em cada dez usam computador e/ou internet. Os usos que cada grupo faz desses equipamentos variam segundo seu nível socioeconômico. Dos jovens de classes mais altas, 59% afirmam usar a internet para se informar, enquanto apenas 31% das classes mais baixas o fazem para esse fim. No entanto, 76% dos jovens de baixa renda afirmaram que o principal uso é o acesso às redes sociais<sup>14</sup>.

Parte dessas diferenças vem da própria limitação de uso da internet que alguns jovens têm, ante aqueles que podem acessá-la livremente. Embora o jovem da baixa renda possua celular, ele quase sempre não

tem um pacote de dados ou créditos para acessar a internet. A navegação pelo celular muitas vezes é feita a partir da conexão em redes gratuitas de Wi-Fi ou de casa. Nessas ocasiões, de uso rápido e pouco constante, a comunicação com os amigos é priorizada. Também não são raras situações onde não há conexão no domicílio, apesar de possuir computador. Nesse caso o uso da internet é feito pelo celular no dia em que se coloca crédito.

Apesar das desigualdades de acesso, o uso desses equipamentos muda a dinâmica da sociedade, sobretudo para a juventude. Se para os adultos esquecer o celular já é como esquecer a roupa em casa, para os jovens é como deixar uma parte do corpo. 42% dos profissionais da geração Y, entre 18 e 30 anos, estariam dispostos a abrir mão do olfato para utilizar a internet, caso tivessem que optar entre um ou outro, disse o relatório da Cisco Connected World 2014. E não precisa ir tão longe para comprovar que esses dados não são exagerados, considerando-se jovens da periferia. No Capão Redondo, um jovem repetiu duas vezes o 9º ano por faltas. Gabriel<sup>15</sup>, 16 anos, não escondeu o jogo: "Eu não conseguia acordar para ir para a escola". O motivo eram as madrugadas em claro conectado ao celular para falar com os amigos. Apesar de Gabriel não ser um frequentador assíduo das aulas matutinas, ele revelou com certo orgulho que havia sido convidado para um novo trabalho: filmar os cultos de uma das igrejas evangélicas do bairro e postar nos canais que a igreja mantém nas redes sociais.

Os *games* de realidade alternativa também são uma fonte para novos contatos, inclusive fora do país. Ali mesmo no *game*, em tempo real, caixas de diálogo são abertas. Jessica confessou que foi em um desses jogos que ela procurou conselhos sobre sua timidez e o medo que tinha de que isso a prejudicasse em entrevistas de emprego. Até para experimentar novos produtos de cabelo, a jovem não dispensa a opinião de outras meninas na internet, que publicam suas dicas nas redes sociais.

13. Saiba mais em <http://juventude.gov.br/pesquisadores/debates/lancamento-da-pesquisa-nacional-sobre-perfil-e-opinio-da-juventude-brasileira-2013#.Vm3HkEorLIU>.

14. Os critérios de renda definidos pela Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros, 2013- SNJ, são: estratos baixos: até R\$ 290,00 por mês, estratos altos: acima de R\$ 1.018,00 por mês – ambos renda familiar *per capita*.



É A PARTIR DA ESCOLA E DAS REDES ONLINE, ENTRE OUTRAS CONEXÕES, QUE OS JOVENS PASSAM A SER CONVOCADOS A DEIXAR O SEU “MUNDO COMUM” E DAR INÍCIO A UMA AVENTURA. NESSE SENTIDO, OS PRINCIPAIS APRENDIZADOS SÃO:

1

A escola é um espaço de socialização e articulação de oportunidades. Nela, o jovem:

- Espera participar politicamente das ações e decisões que o afetam;
- Conta com a sua rede de amigos para filtrar quais convites valem a pena.

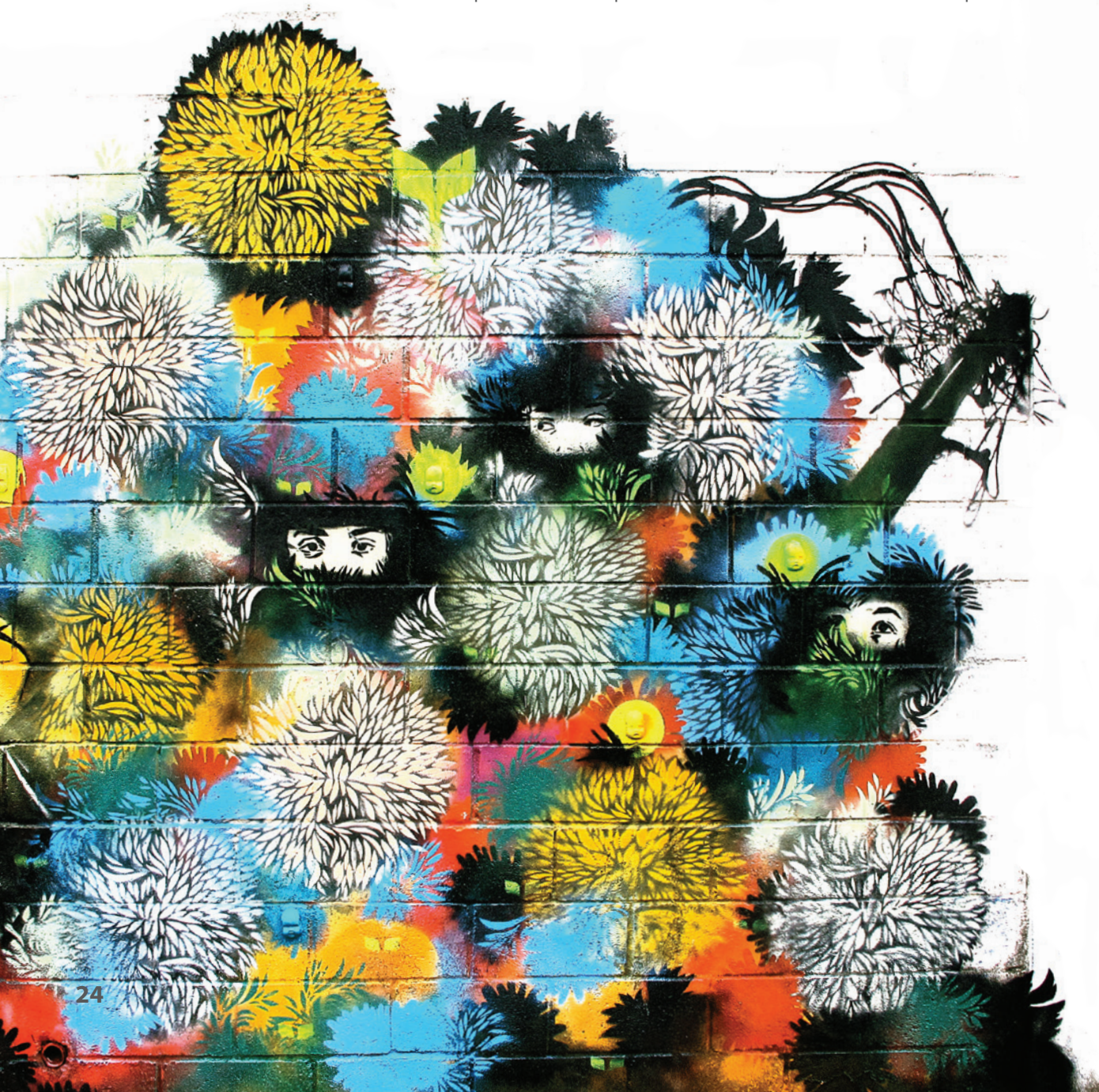
2

Há outros exemplos de redes que promovem “chamados” à juventude; entre eles estão as redes sociais *online*. Nessas redes, o apoio dos amigos (laços fortes) também são determinantes para legitimar as novidades que se apresentam por meio de desconhecidos (laços fracos).



# O QUE LEVA À RECUSA DO CHAMADO?

Também nas histórias de ficção, há sempre o momento em que recuar parece a única alternativa possível.





## VIOLÊNCIA

Apesar de os jovens habitualmente estarem atrelados a redes, por laços fortes ou fracos, não é raro encontrar aqueles que estejam totalmente alheios aos chamados que essas redes podem lhes proporcionar.

“Medo” foi uma das palavras mais repetidas durante as entrevistas, mesmo entre os jovens mais ousados. A juventude é uma fase de constantes travessias e, portanto, ter medo faz parte dessa dinâmica. É uma condição natural do ser humano ao se deparar com o desconhecido.

Para alguns jovens, no entanto, o medo está relacionado à violência à qual estão expostos. A esse respeito, Claudio Aparecido da Silva, o “Claudinho”, na ocasião Coordenador de Juventude da cidade de São Paulo, faz o seguinte apontamento: “Apesar de ter reduzido o número de homicídios nos territórios nos últimos anos, o percentual entre mortes cometidas pela polícia e o total de homicídios aumentou de 5% em 2000 para 21% em 2014”. Esse dado está disponível em um estudo divulgado pela Prefeitura de São Paulo e a Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania, em parceria com a Universidade de São Carlos (UFSCar), em dezembro de 2015, cujo nome é *Juventude e Violência na Cidade de São Paulo*<sup>16</sup>.

Quando o assunto é violência, o panorama é ainda mais desolador para jovens negros, principalmente do sexo masculino. O mapa da violência de 2014, organizado pelo sociólogo Julio Jacobo, trouxe o seguinte dado: para cada jovem branco que morre assassinado, morrem 2,7 jovens negros<sup>17</sup>.

Já o Mapa da Juventude<sup>18</sup>, realizado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em dezembro de 2014, indicou que, a despeito da queda da mortalidade por causas externas em todo o município de São Paulo nos últimos anos, alguns distritos não apresentaram diminuição nesse período. É o caso do Campo Limpo,

que está entre os bairros destacados pelo estudo com alto índice de morte por causas externas.

Para Katiane<sup>19</sup>, que mora no Campo Limpo, o medo da violência se tornou uma grande barreira. Aos 19 anos, ela estava radiante por finalmente ter nas mãos o seu RG. A ausência do documento era um obstáculo na sua vida para as atividades fundamentais, como procurar emprego e estudar. Por um período caro de sua vida, ela se enquadraria no que as estatísticas chamam de jovens que não estudam nem trabalham. Segunda mais velha de uma família de sete filhos, muito cedo ela assumiu a rotina doméstica para que sua mãe pudesse prosseguir como diarista, e seu pai, como pintor. O atraso na vida escolar se deu logo no começo. Com dez anos, ela entrou pela primeira vez em uma sala de aula, no primeiro ano do ensino básico. Na passagem entre o ensino fundamental II e o médio, ela decidiu deixar de frequentar a escola.

**Por ter 18 anos, a escola automaticamente transferiu a sua matrícula para o período noturno. Katiane disse: “Logo na primeira semana, eu vi uma menina sendo assaltada na minha frente e eu não tinha nada pra passar. Aí eu fiquei com trauma. Minha mãe falou: – Vai! E eu disse: – Não tô conseguindo ir. Eu ia com uma amiga, mas ela parou também, com medo, aí não dava pra ir sozinha”.**

## NEM NEM

Nos últimos anos, a expressão “jovens nem nem” ganhou bastante notoriedade quando uma série de estudos alarmaram o fato de que uma parcela significativa de jovens brasileiros estava fora da escola e do mercado de trabalho. Esse é um fenômeno que também ocorreu em outros países. De 2003 a 2011, no Brasil, as taxas anuais de jovens nessa condição se mantiveram expressivas, sendo 14,1% e 15,2% respectivamente, segundo dados da Pesquisa Mensal de Emprego reportados no relatório

16. O estudo está disponível em [www.prefeitura.sp.gov.br/cidades/secretarias/upload/direitos-\\_humanos/pesquisa.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidades/secretarias/upload/direitos-_humanos/pesquisa.pdf) - acessado em 21/12/2015.

17. [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014\\_JovensBrasil\\_Preliminar.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf).

18. Mapa da Juventude disponível em [www.portaldajuventude.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/08/Mapa-da-juventude\\_completo.pdf](http://www.portaldajuventude.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/08/Mapa-da-juventude_completo.pdf) - acessado em 21/12/2015.

19. Nome fictício.

do Insper – *A condição “nem nem” entre os jovens é permanente?*<sup>20</sup> –, divulgado em agosto de 2013. O estudo chama atenção para os jovens menos escolarizados, que não completaram o ensino fundamental e para as mulheres, cuja taxa de entrada e permanência na condição “nem nem” é muito superior à dos homens. Para o documento, há indícios de que essa situação em relação ao gênero feminino seja intensificada pelo trabalho doméstico.

Essa hipótese se confirma para Katiane, pois é com ela que a família conta para as tarefas do lar. Logo cedo, ela faz a mamadeira da irmã menor e já começa os preparativos para o almoço. Também faz parte das atividades dela levar a irmã mais velha, diagnosticada com esquizofrenia, para acompanhamento no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), próximo a casa dela. Fora da escola e com medo de circular no bairro onde mora, Katiane ficou por muito tempo confinada a uma rotina doméstica. O único lugar que ela frequentava com regularidade era a igreja evangélica do seu bairro.

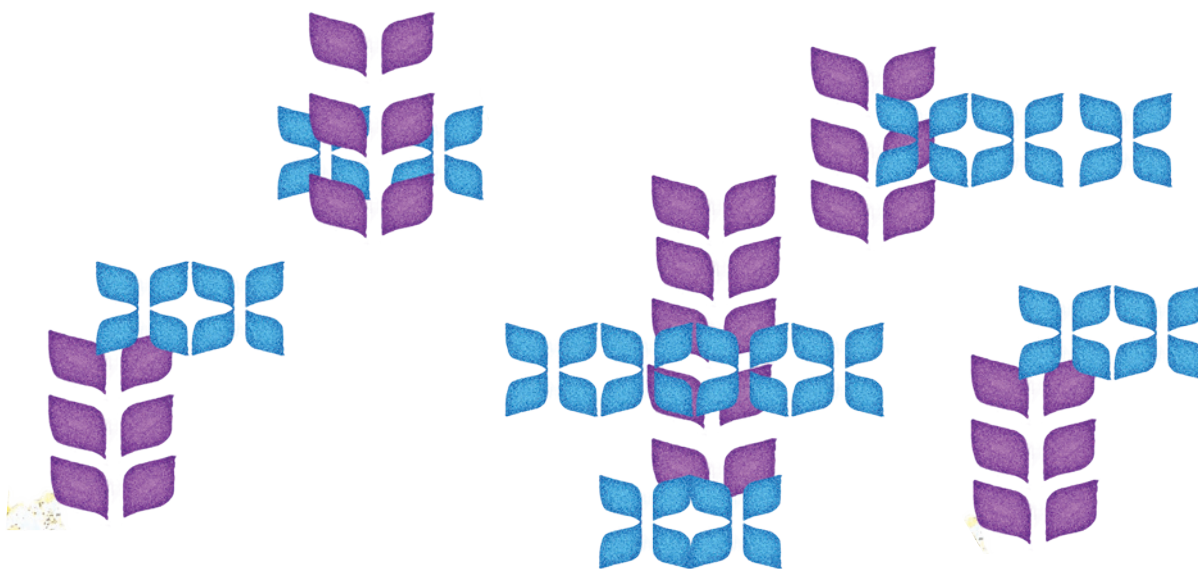
## CONSEQUÊNCIAS

O medo ou o “frio na barriga” ao iniciar algo novo, como participar de uma entrevista de emprego ou deslocar-se para lugares desconhecidos, foi bastante mencionado nas entrevistas. E ele é natural, desde que não limite progressivamente os movimentos do jovem e acabe aliado a um desencorajamento crônico,

a ponto de impedi-lo de dar o primeiro passo frente ao que deseja. Foi possível identificar casos como esses a partir de perguntas como “por que você não terminou o curso?” ou “por que você não foi a escola?”, que muitas vezes vieram acompanhadas de respostas displicentes como “estava indisposto” – que sugeririam algum impedimento pontual, mas que, na verdade, camuflavam uma situação de paralisia.

**Essa paralisia gera consequências, inclusive para aqueles que já superaram essa fase. Para jovens mais experientes que reconhecem e lamentam o tempo perdido, é possível encontrar em seus depoimentos traços de um pessimismo igualmente nocivo.** Raul<sup>21</sup>, de 23 anos, da Vila das Belezas (zona sul), já avançou muito em sua trajetória pessoal e profissional, já que recentemente foi efetivado em uma grande instituição na qual entrou como aprendiz. Mas isso não dilui a forte sensação de atraso, já que para ele não é fácil se comparar com outras pessoas cuja oportunidade de estudar e se desenvolver se tornaram viáveis mais cedo. “É difícil existir onde tudo já existe. Se você pega o metrô, alguém estudou para aquilo existir. Não digo que todo mundo que estudou teve alguém que investisse neles, que acreditasse neles, só sei que hoje eu me sinto fora de tudo isso. Porque quem não tem estudo, não existe”, explicou Raul.

É importante enfatizar que a recusa do chamado não está restrita à vontade do jovem, já que também está atrelada às condições às quais ele está submetido. Isso se confirma quando observamos casos em



que a situação é mais favorável em algum aspecto, aparentemente pouco relevante, mas que já reflete poderosas mudanças nas escolhas dos jovens.

Foi o caso de Rodolfo<sup>22</sup>, 23 anos, que contou de forma displicente a proeza de ter saído de casa aos 15 anos de idade para morar sozinho. Como se tamanho ato de coragem fosse uma coisa já tão distante da sua história que nem valia a pena destacar. Sendo o mais velho de uma família de sete filhos, durante a quarta gravidez da mãe, ele calculou que permanecer na casa dos pais seria um erro. Sair era uma forma de insistir no seu progresso e quem sabe poder ajudar no futuro, pensava ele.

“Um belo dia de desespero vi uma casa para alugar”, lembrou Rodolfo. Desde muito cedo ele frequentava o projeto Círculos de Leitura<sup>23</sup>, pelo qual recebia uma bolsa-auxílio. “Eu ganhava R\$ 190, e o aluguel era R\$ 220. Aí eu falei: – Vou correr atrás dos outros 30 reais”. Foi assim que ele alugou uma pequena casa na periferia da cidade de São Bernardo do Campo, perto de onde morava com os pais.

Para complementar a renda, Rodolfo foi vender DVDs na feira livre aos domingos. Logo de início, precisou lidar com a pressão da banca concorrente, cujo dono já estava no ofício havia muito mais tempo e por isso tinha tudo para tocar o jovem recém-chegado para outra freguesia. Mas Rodolfo insistiu: “Eu fui com a cara e a coragem. Saía de casa às 5h da manhã e montava a barraca às 7h, que era mais seguro”. Com data certa para vencer o aluguel e precisando

colocar comida no próprio prato, ele foi buscando alternativas de não só se manter no local, como ainda ser um concorrente à altura da banca vizinha, que era maior e dispunha de um acervo de filmes bem mais completo que o dele.

Devagar e aproveitando as oportunidades que surgiram no caminho, ele foi progredindo e ganhando estabilidade. Hoje cursa economia na Universidade Federal do ABC e inicia uma carreira em uma grande multinacional.

A olho nu já se vê uma diferença marcante entre Rodolfo e Katiane. Ele, por participar de um projeto social que lhe ampliou repertório sociocultural, teve a oportunidade de receber uma bolsa pelo programa (que nesse caso é algo determinante para as escolhas dele) e também teve um estímulo contínuo em sua trajetória que o conectou a lugares, pessoas e conhecimentos. Já ela esteve confinada em casa, na maior parte do tempo convivendo só com os irmãos menores, e apenas aos 19 anos deu os seus primeiros passos para o mundo. Diferenças como essas incidem muito sobre a resposta dos jovens ao enfrentar episódios que os intimidam.

A questão do gênero nesse caso é ainda mais emblemática, pois é comum as meninas ficarem mais restritas ao ambiente doméstico, ajudando nas tarefas de casa, enquanto os meninos têm mais liberdade para estar na rua, muitas vezes pressionados, por sua vez, a encontrar um emprego e ajudar financeiramente em casa.

## PRINCIPAL APRENDIZADO:

A recusa do chamado por parte dos jovens pode ocorrer por diversos motivos, inclusive é uma condição natural também em outras etapas da vida. No entanto, contar com uma rede de apoio é essencial para ajudá-los a buscar opções possíveis para ultrapassar obstáculos que surgem no caminho.

20. Saiba mais em [http://www.insper.edu.br/wpcontent/uploads/2012/05/Policy\\_Paper\\_CPP\\_Inspere\\_CondicaoNemNem.pdf](http://www.insper.edu.br/wpcontent/uploads/2012/05/Policy_Paper_CPP_Inspere_CondicaoNemNem.pdf).

21. Nome fictício.

22. Nome fictício.

23. Círculos de Leitura é uma iniciativa que promove o desenvolvimento de jovens por meio da leitura de clássicos da literatura e debate em pequenos grupos, trabalhando questões como identidade, cidadania e relacionamento com a comunidade. Saiba mais em <http://www.circulosdeleitura.org.br>.



# ENCONTRO COM O MENTOR

“... nem sequer teremos que correr os riscos da aventura sozinhos; pois os heróis de todos os tempos nos precederam; o labirinto é totalmente conhecido” – J. Campbell

Nas jornadas dos entrevistados, o mais natural foi a existência de múltiplos mentores. Os jovens podem ser orientados sobre questões políticas por um educador do projeto, receber informações importantes sobre escolhas profissionais com algum de seus professores, descobrir o bê-á-bá do mundo do trabalho a partir de seu primeiro chefe e obter conselhos de vida com o pastor da igreja, ou os papéis podem se distribuir de outras formas. Houve casos em que o mentor também foi uma experiência, o encontro com um livro ou mesmo a letra de uma música que funcionou como um sopro para que o jovem passasse a enxergar a partir de outro ponto de vista.



Outra observação curiosa: por mais que os jovens estejam envolvidos em redes virtuais, com acesso a todo tipo de informação pelo oráculo contemporâneo – o Google – e valorizem a experiência de seus pares, eles querem contar com uma pessoa mais velha que os apoie na sua tomada de decisão. A relação de mentoria não precisa estar atrelada a instâncias formais, pode ocorrer por afinidade espontânea.

Em um grupo focal, composto por jovens entre 14 e 16 anos das periferias da zona leste de São Paulo, uma experiência ilustrou esse ponto. Uma garota que desenvolveu bulimia a partir de problemas com a obesidade precoce contou: **“Teve uma nutricionista que entrou na minha vida, e não foi só uma nutricionista para mim. Ela ocupou um espaço só dela. Eu quero poder ajudar os outros do jeito que ela me ajudou”**. Foi o olhar da jovem que fez da nutricionista a sua mentora, passando a tomar muitas decisões em função dessa identificação.

Em muitos episódios de suas vidas, os jovens colocaram seus pais ou responsáveis como mentores. Porém, em muitos outros, eles afirmaram precisar romper com o que estava dado pela família. Isso significa, algumas vezes, ir contra a decisão de seus pais e contar com o apoio de agentes externos. Esse é um dos motivos pelos quais a relação com a família na juventude é muito mais delicada do que na infância.

Na pesquisa amostral realizada pela Secretaria Nacional de Juventude, mencionada na página 22, os jovens destacaram os temas educação e futuro profissional como prioritários para discutir com seus pais. Ao mesmo tempo em que o jovem quer receber o aval da família para seguir determinado caminho, ele também sente necessidade de insistir naquilo que acredita, mesmo que de imediato seus pais não compreendam ou não concordem. O desejo da família está quase sempre amparado em um ideal de segurança para

seus filhos, seja de sua própria integridade física, seja de suposta estabilidade financeira e profissional.

Bernardo procurava detalhes na sua memória sobre o dia em que precisou decidir entre o emprego na rodoviária e uma oportunidade de estágio que ele recebeu no programa social que frequentava. Com anéis metálicos em todos os dedos, vestido de preto da cabeça aos pés, ele parecia falar com orgulho das “escolhas alternativas” que fez ao longo da vida. A maior delas talvez tenha sido o curso de história na PUC, intrigando as amigas de sua mãe, que procuravam entender por que história, com tantos outros cursos mais rentáveis, segundo pensavam.

Em outro momento de sua trajetória, ele teve que justificar algo parecido para a sua mãe. Durante o ensino médio, em Guaianazes, Bernardo frequentou um projeto na escola e foi convidado a continuar na condição de multiplicador das atividades para outros alunos, que lhe renderia uma bolsa. No mesmo período, a mãe dele lhe conseguiu um emprego fixo na rodoviária. **Bernardo contou: “O dia que eu assinei o contrato com o projeto era o dia que eu teria que ter ido para uma entrevista e não fui. Minha mãe ficou muito brava comigo”. Ele explicou para a sua mãe mais tarde que, embora o emprego na rodoviária pagasse melhor e, do ponto de vista dela, fosse mais estável, ele estava priorizando naquele momento um trabalho no qual pudesse aprender mais.**

A relação com a família é um campo bastante desafiador para as políticas e programas voltados para a juventude. O afastamento entre eles pode significar a preservação de um espaço para o jovem. Mas, por outro lado, sem o apoio da família, e até sob pressão dela, o jovem pode recuar e desistir de participar desses programas. Por isso os mentores também podem ter papéis decisivos ajudando a intermediar a relação entre famílias e instituições que atuam com juventude.

## PRINCIPAIS APRENDIZADOS:

# 1

Uma relação de mentoria só acontece se o jovem legítima o seu mentor como tal.

# 2

Questão intergeracional: por mais que os jovens contem com seus pares, na hora de tomar grandes decisões, eles buscam outras referências, geralmente de pessoas mais velhas com as quais se identifiquem.

# 3

Há momentos em que a família exerce a função de mentora. Mas também há situações em que o jovem conta com um agente externo, que pode ser uma ponte entre ele e sua família.



# TRAVESSIA

O processo de travessia é intenso e irreversível. Trata-se de fase determinante na jornada do herói, pois é o instante em que ele atravessa do mundo comum, onde vive, para a grande aventura.





## GANHANDO A CIDADE

Os primeiros passos fora de casa, explorando novos lugares, às vezes em seu próprio bairro, certamente marcam um desses processos de travessia.

**Uma vez que as múltiplas dimensões da cidade são apresentadas ao jovem, e ele passa a conviver com elas, até o seu caminho de casa pode ganhar novas cores. Lugares costumeiramente ignorados tornam-se portas abertas.**

Katiane sempre passava em frente à organização União Popular de Mulheres, nas ruas do Campo Limpo, onde morava. Certa vez, teve vontade de entrar. “Meu irmão falou: – Vai lá você, eu acho que é para fazer panos de prato. Aí eu falei: – Vou mesmo, pelo menos é um curso”.

Enquanto Katiane compunha a estatística de “jovens nem nem”, conforme mencionado na página 25, ela estava à procura de qualquer forma de aprendizado para compensar sua ausência na escola. Ela já tinha concluído dois cursos de informática para constar no currículo, mas esses são dados invisíveis aos olhos das estatísticas. Ao descobrir que o projeto na instituição vizinha oferecia bem mais que pintura em pano de prato, Katiane, mesmo com 19 anos, pediu que sua mãe fosse com ela até lá efetivar sua inscrição.

Logo nos primeiros dias de projeto, ela ganhou um imenso desafio. Uma das atividades era em um

centro cultural próximo ao bairro onde morava, e seria necessário pegar um ônibus para chegar lá. Katiane lembra: “Eu fui morrendo de medo. Falei: – Meu Deus, me ajuda! Eu nunca tinha saído para longe, e a minha mãe disse: – Você vai conseguir. E eu disse: – Eu sei que vou”.

Em pouco tempo ela estava no seu destino, na Avenida Rio Bonito. “Nossa, eu conheci tanta gente legal que eu nunca tinha visto”. Bater na porta da organização, embarcar no ônibus rumo ao desconhecido, tudo isso significou para ela o cruzamento de uma fronteira há muito tempo intransponível.

**Aprender a utilizar a malha do transporte coletivo, para muitos jovens moradores da periferia, significa romper uma condição de confinamento. “É como se alguém tivesse aberto a porta da gaiola e dito: – Voa!”, traduziu Eduardo<sup>24</sup>.**

No entanto, atravessar essa porta não é tão trivial quanto parece. A condição de violência à qual alguns territórios são submetidos, somada ao medo e outras questões, muitas vezes priva o jovem da convivência com o lugar onde nasceu e cresceu.

Assim como Katiane, muitos jovens desconhecem as opções culturais perto de suas casas. Aproveitar as atrações gratuitas do centro da cidade é algo ainda mais distante.

Nos depoimentos de jovens, com idades entre 23 e 29 anos, a cidade foi mencionada como um espaço a ser superado e não a ser vivido. Rompida a barreira do confinamento, paga-se um preço alto e diário: cerca de duas horas por deslocamento para qualquer destino da sua rotina – trabalho ou universidade. Isso pode representar quatro horas ou mais por dia. A precariedade do transporte deixa sequelas profundas. Rouba o tempo precioso de quem já está em desvantagem quanto aos anos de estudo e formação complementar. Enquanto o jovem da periferia se aperta no ônibus para chegar ao trabalho ou no ensino médio noturno, em algum bairro classe média alta outro jovem usa esse tempo para aprender idiomas ou se preparar para o vestibular.

As barreiras não estão apenas nos limites geográficos. Há outros muros simbólicos que tornam alguns espaços inalcançáveis. É comum ouvir de jovens negros,



Acervo Jovens Urbanos, 2015.  
Experimentação de fotografia: Melina Resende.



por exemplo, que frequentemente são vistos como ameaças quando circulam pelas ruas. Outros lembram do desconforto ao frequentar equipamentos culturais tidos como elitizados: “Eu preferia mil vezes ter sido assaltado em Paraisópolis do que ter que ir no Palácio do Horto”, comparou Bernardo, lembrando da sua sensação quando realizou sua primeira visita ao museu instalado na residência oficial de verão do governador.

Submersas em rotinas atribuladas, muitas vezes as famílias não têm tempo para acompanhar os jovens nessa iniciação. Em muitos casos, a própria família também sente o mesmo incômodo do deslocamento, porque também sofre o impacto dessas fronteiras simbólicas e acaba restrita ao caminho de ida e volta do trabalho.

---

## PRINCIPAL APRENDIZADO:

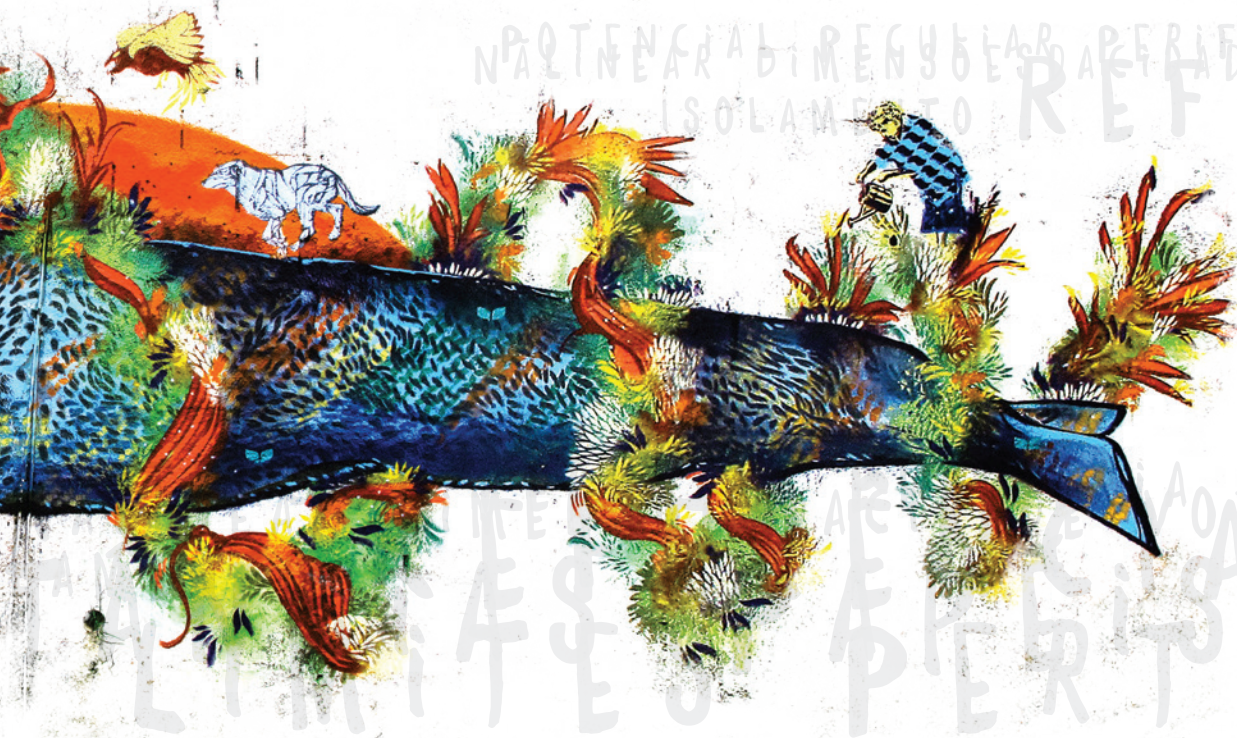
Sair do “mundo comum” significa para o jovem lidar com a violência, as condições precárias de mobilidade urbana e as barreiras invisíveis que muitas vezes o cercam nas periferias.

---

## VIVENDO O ENSINO MÉDIO

Outro momento de travessia é a vivência do ensino médio, que encerra o convívio do jovem com a escola. Essa etapa da educação é desafiadora não só para o Brasil, mas para diversos países do mundo. Números alarmantes de jovens que estão fora das salas de aula e os altos índices de evasão pressionam os sistemas educacionais a reverem seus modelos para esse ciclo. Corrigir rotas, no entanto, é uma tarefa morosa para as políticas educacionais.

Por outro lado, os jovens mostram grande capacidade de protagonizar mudanças imediatas. Se a articulação da escola com o bairro, com equipamentos culturais ou mesmo com o mercado de trabalho ainda é um campo de muitas tensões entre as instituições, para os jovens entrevistados a integração de tudo isso é algo natural. Ainda assim, a maior parte dos currículos do ensino médio são elaborados sem nenhum tipo de envolvimento dos alunos, como revela a recém-publicada pesquisa *Ensino Médio: Políticas Curriculares dos Estados Brasileiros*, lançada pela Fundação Victor Civita e coordenada pela Fundação Carlos Chagas<sup>25</sup>. “Causa espanto o fato de os jovens – os sujeitos do processo educativo – não terem sido sequer ouvidos”, diz a pesquisa.



## A TRANSIÇÃO

A transição do ensino fundamental para o médio não é um desafio só para aqueles jovens que estão propensos a evadir. Larissa<sup>26</sup>, 15 anos, alcança um bom desempenho na escola e mesmo assim fica tensa ao saber que o 9º ano está no fim. O motivo é a maratona de “vestibulinhos” que ela participa para conseguir bolsa nas redes particulares ou um lugar nas escolas públicas técnicas.

Na escola estadual em que ela estuda, a 40 minutos de sua casa, considerando transporte coletivo, é comum receber a visita de ex-alunos que hoje cursam o ensino médio em colégios particulares com bolsa. É daí que vem a motivação para buscar as mesmas oportunidades. Larissa explica: “Eles sempre aparecem lá na escola porque vão visitar alguns professores e acabam contando como é lá onde eles estudam”.

Procurar por escolas públicas em bairros mais centrais não é uma estratégia nova adotada por jovens do Jardim Arpoador. Recentemente, porém, aumentou a oferta de bolsas para o horário noturno em escolas particulares, já que nesse período não há tanta demanda de alunos dentro do perfil regular da escola.

Isso fez com que muita gente da sala de Larissa passasse a buscar formas alternativas de preparo para os “vestibulinhos”, pois não se sentiam prontos para fazer a prova só com o que apreenderam no ensino fundamental da escola onde estudavam: “Eu procuro estudar mais pesquisando vídeos e simulados na internet”, revelou a garota.

Na prova para bolsa do Colégio Visconde de Porto Seguro, apenas sete de 35 alunos da sala de Larissa foram indicados pela escola estadual e puderam fazer o teste. “Acho que o critério foi nota e comportamento”, falou decidida a jovem. Para ela, o sistema é justo por privilegiar os mais estudiosos. Na prática, porém, as indicações desconsideram o que se passa com os outros 28 alunos que não alcançaram notas tão satisfatórias.

O plano B de Larissa, caso ela não conseguisse bolsa ou não passasse no “vestibulinho” da escola técnica, seria tentar uma vaga na Escola Estadual Adolfo Gordo, também distante de sua casa, porém, fortemente recomendada pelo seu professor.



## JÁ NO ENSINO MÉDIO

Ao começar o seu relato sobre o ensino médio, a fala de Eduardo, morador do Capão Redondo, coloca foco em um assunto que pouco é priorizado pela escola, mas que está intrinsecamente ligado à busca do herói: a identidade. “Eu não me aceitava no jeito que eu era. Eu usava boné, blusa de manga comprida e não usava *short*, tudo para não me ver. Eu tinha raiva do meu cabelo. Todo mundo falava: – Cabelo de Bombril! Eu nem me olhava no espelho”, disse o jovem.

Mais uma vez, os laços entre os jovens mostraram uma saída, conforme ele conta: “Daí eu conheci o Daniel<sup>27</sup>. E vendo como ele era, eu pensava: – Caramba, ele é quase eu e gosta de si mesmo! Eu fui me inspirando nele e comecei a gostar de mim”. Daniel é um jovem negro, que mantém seu *black power* e a língua afiada para aqueles que ousarem “zuar” seu cabelo, a cor da pele ou a sua identidade. Identidade que Eduardo estava buscando conceber, por isso também passou a frequentar o Centro de Juventude – CJ<sup>28</sup> – do bairro onde mora.

Para Eduardo, participar do Centro de Juventude foi determinante para obter aprendizados que, segundo ele, passaram longe dos bancos escolares: “Lá a gente aprendia sobre política. A gente aprendia a escutar e depois dar a nossa opinião. Mesmo que a gente não soubesse que opinião dar, a gente aprendia a fazer”. Eduardo não economizou elogios para os educadores: “É muito bonito você ver alguém ensinar as coisas sem ser arrogante, porque eles ensinavam de uma maneira que se você não entendesse eles explicavam tudo de novo”. Ele colocou esse ponto em contraste com a maior parte dos professores da escola.

A vivência no Centro de Juventude foi um gatilho para que Eduardo também tivesse a sua participação nas manifestações de 2013: “Eu era do movimento ‘3,20 não’. Fizemos cartazes, camisetas e panfletos”. Ele contou que não pensou duas vezes na hora de levar as ruas para dentro da escola quando teve oportunidade: “Pra gente avisar o que estava acontecendo pra todo mundo, eu e uma galera chegamos mais cedo na escola e colocamos folhetos em cima das mesas”.

Além de participar do Centro de Juventude, Eduardo conta que se inscreveu em muitos outros programas: “Eu fiz também um curso de mercado e varejo – do Coletivo Coca-Cola, um curso de audiovisual na Escola Técnica de São Paulo, que fazia parte de um outro projeto que eu entrei, o Jovens Urbanos<sup>29</sup>”. Sendo que, nesse último, ele teve oportunidade de experimentar muitas outras

coisas: “Nossa, no Jovens Urbanos eu me senti mais livre, a gente começou a sair, eu conheci vários monumentos e tals. Eu fiz fotografia, grafite. O teatro me ajudou na vida. A partir do momento que eu aprendi isso eu perdi a vergonha e me abri para o mundo”.

**Para Eduardo, as fronteiras entre a escola, o Jovens Urbanos e o Centro de Juventude eram bem mais fluidas do que sugeria a teoria. Embora muitas atividades das quais ele participou fossem de programas externos à escola, ele encarava tudo como ensino médio: “Eu fiz tanta coisa nesta escola esse ano, que eles deveriam me passar nem que fosse por consideração”, contou achando graça.**

## O QUE ELES QUEREM

“Por a mão na massa” e “produzir” foram expressões bastante valorizadas pelos jovens em suas falas. Assim como outras formas mais lúdicas de ensino, como jogos ou dinâmicas, também foram elogiadas por eles. Esse dado está em consonância com os resultados de uma pesquisa<sup>30</sup> lançada em 2013, pela Fundação Victor Civita e com coordenação do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP): “Os adolescentes pedem atividades de caráter prático ou que apresentem exemplos do cotidiano para facilitar o aprendizado”, diz o relatório.

Para os jovens entrevistados, evadir é uma opção quando a experiência se torna monótona: “Eu saí antes de acabar o curso de informática porque estava muito chato, era só cópia da apostila. Mas depois eu acabei descobrindo que o curso ensinou umas coisas de Excel que eu iria precisar aprender”, comentou Jessica.

**A procura por pequenos cursos também foi um ponto de destaque. Ela revela muito sobre um perfil de juventude que quer participar e se articular com movimentos plurais. Aprender violão, teatro, desenvolver projetos, fazer bicos e frequentar o ensino médio é uma equação possível e comum para muitos deles, não só para Eduardo.** Isso não quer dizer que a participação deles é integral em cada uma dessas oportunidades, porém, na visão deles, é melhor estar envolvido em tudo, a seu jeito, do que ter de escolher uma ou outra coisa.

**Enquanto para os jovens o interesse pelos cursos vai muito além do trabalho, para as famílias o emprego é o principal motivador.** Segundo a maioria dos pesquisados, não há muita pressão das famílias para

que iniciem em um emprego ainda no ensino médio, mas existe a preocupação de que os cursos facilitem a sua entrada no mercado de trabalho, por meio de certificações ou indicações diretas às vagas. A ampliação de repertório sociocultural, embora seja fundamental para a formação básica e contribua para a vida profissional, ainda é pouco percebida pelas famílias como um ganho importante.

é o passo mais seguro após a saída da escola. É preciso reconhecer, no entanto, que esse cenário é diferente em redes que dedicam esforços na mobilização dos jovens para a realização do ENEM, oferecendo não só as informações, mas também garantindo infraestrutura necessária (tal como transporte, material, lanche, etc.), como é o caso do Ceará. Em 2014, a rede atingiu o maior número de inscritos no ENEM em relação à população, conforme noticiou a Secretaria de Educação do estado.

## E DEPOIS DA ESCOLA?

Na hora de falar sobre o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, uma grande fragilidade ficou exposta.

**Diante da pergunta: “Você se inscreveu no ENEM?”, o entusiasmo de antes desconversa.**

**Para alguns jovens, entender e coordenar todas as informações sobre o funcionamento dos processos seletivos, bolsas, financiamentos é tarefa demais para o momento.** Alegam falta de tempo para pesquisar, indisposição para fazer a prova, tudo para não pensar no assunto e pegar o primeiro atalho rumo ao mercado de trabalho, que para muitos

Para a maior parte dos jovens das periferias de São Paulo, existe ainda uma ponte a ser construída entre eles e todas as possibilidades de entrada no ensino superior, como: Programa Universidade para Todos – PROUNI, Sistema de Seleção Unificado – SISU, Políticas afirmativas para negros, indígenas e estudantes de escolas públicas e Financiamento Estudantil – FIES.

Para aqueles que venceram a barreira dos processos seletivos, o deslocamento é outro obstáculo para o acesso ao ensino superior. Foi recorrente no relato dos jovens a desistência de bolsas de estudo pelo PROUNI, ou vagas em universidades públicas, em função da distância de moradia em relação à universidade<sup>31</sup>.

## PRINCIPAIS APRENDIZADOS:

1

A transição para o ensino médio é um momento de tensão não só para aqueles jovens que são propensos à evasão, mas também para aqueles que buscam oportunidades em escolas públicas de excelência ou bolsa em escolas particulares.

2

Alguns jovens demonstram grande capacidade de interlocução com diversas instituições durante o ensino médio, articulando essa fase do ensino com temas como identidade, cidadania, trabalho e ampliação de repertório sociocultural.

3

Para a juventude, a participação em diferentes iniciativas ao mesmo tempo, tais como projetos, cursos e oportunidades de trabalho, é algo natural. Resta que as instituições acolham essa forma de participação para que possam dialogar com os jovens e suas escolhas.

4

É preciso construir uma ponte entre os jovens e as possibilidades de entrada no ensino superior.

27. Nome fictício.

28. Centro de Juventude é uma política municipal de assistência que funciona por convênios com Organizações da Sociedade Civil, atendendo jovens de 15 a 17 anos em situação de risco social.

29. O Jovens Urbanos é um programa de ampliação de repertório sociocultural de jovens moradores de territórios de alta vulnerabilidade social, em grandes centros urbanos. Iniciativa da Fundação Itaú Social com a Coordenação do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC. Saiba mais em <https://educacaoeparticipacao.org.br/jovens-urbanos>.

30. O nome da pesquisa é “O que pensam os jovens de baixa renda sobre a escola”, saiba mais em [http://www.fvc.org.br/estudos-e-pesquisas/2012/pdf/relatorio\\_jovens\\_pensam\\_escola.pdf](http://www.fvc.org.br/estudos-e-pesquisas/2012/pdf/relatorio_jovens_pensam_escola.pdf).

35 31. <http://www.mec.gov.br>.

# A AVENTURA

## TRAJETÓRIAS EDUCACIONAL E PROFISSIONAL: O PONTO EM QUE SE CRUZAM

A aventura é o grande clímax das histórias e também “a hora e a vez” das grandes decisões. Neste estudo, a aventura será representada pela entrada no mundo do trabalho e na universidade.





## NO CONTRAFLUXO

O fortalecimento de coletivos culturais nas periferias tem demonstrado um grande potencial desses territórios no campo da Economia Criativa, a qual compõe oportunidades de negócio em áreas da cultura, como design, moda e fotografia. A maior parte dos que trabalham em coletivos são jovens que apostam em uma nova forma de se relacionar com o trabalho, buscando alternativas em que obter renda e desenvolver seus talentos artísticos são uma grande possibilidade. Israel Neto, 27 anos, morador da Brasilândia, zona norte de São Paulo, conta o que isso significou em sua vida:

**“Quando eu tinha 15 anos, a opção era trabalhar no mercado, era ser empacotador, ou telemarketing. Eu diria que a nossa geração, mais ligada à cultura, fez um papel de Deus, a criar uma coisa que não existia, a criar dinheiro onde não existia”.**

Israel, ou Mano Réu, como também é chamado, começou a trabalhar na produção de eventos de *rap* e de literatura a partir do coletivo em que atua até hoje, o Literatura Suburbana.

Há outros exemplos que evidenciam a efervescência cultural na periferia como motor de uma economia que já começou a pulsar. O *Fluxos de funk* citado na primeira seção faz parte desse movimento, onde os meninos e meninas não só inventam letras de músicas e sequências de passinhos, como também inauguram novos espaços para se relacionar, consumir e vender a própria produção.

No entanto, para os que insistem no empreendedorismo criativo, o caminho não é fácil. Israel precisou ter dupla jornada, trabalhando como educador em escolas e ONGs, em paralelo com as atividades que desenvolvia no coletivo. Por esse motivo, essa ainda é uma alternativa para a minoria. A opção do *telemarketing* ou mercadinho local é sempre mais viável no momento em que os jovens são ansiosos para obter seus salários. Nesse sentido, o trabalho informal também ganha espaço. Segundo a PNAD 2014, 45% dos jovens de 16 a 24 anos ocupados estavam em trabalhos não formais.

Há esforços de políticas públicas que trabalham como forma de fortalecer iniciativas de empreendedorismo criativo. Em dezembro de 2015, foi inaugurada na Cidade Tiradentes, pela prefeitura de São Paulo, a primeira unidade do Laboratório de Fabricação Digital Fab Lab Livre, cujo objetivo é oferecer aos empreendedores um espaço adequado para a fabricação de protótipos e acessos a máquinas digitais. Já o programa municipal Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) é uma das poucas alternativas de financiamento para projetos culturais embrionários desenvolvidos por jovens. Iniciativas como essas são fundamentais para o fomento do empreendedorismo na periferia, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido no sentido de ampliar as oportunidades nessa área e envolver a comunidade na construção dessas políticas e equipamentos. O relatório da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Investing in Youth Brazil (Investindo na Juventude Brasil), revelou que, apesar de uma grande quantidade de jovens se declararem empreendedores, representando o dobro da média de outros países-membros da organização, apenas uma minúscula parcela afirma ter recebido algum tipo de formação para o empreendedorismo ou ter acessado alguma linha de financiamento.

## O MERCADO DE TRABALHO PARA JOVENS

Mesmo com a semente da Economia Criativa crescendo em algumas periferias e a maior pluralidade de universidades e cursos ofertados no ensino superior, a maior parte dos jovens pesquisados demonstra ainda muita cautela ao depositar fichas em determinadas carreiras, consideradas pouco rentáveis. Em muitos casos eles falaram em planos A e B, no qual fariam um curso técnico profissionalizante, ou mesmo superior em determinada área, mas que, ao atingir estabilidade financeira, atuariam em sua verdadeira área de interesse. Em um grupo focal, uma jovem interessada em ser fotógrafa disse que faria um curso de técnico em nutrição para se garantir financeiramente, já que sobreviver só com fotografia seria muito difícil, segundo ela. Essa preocupação não é infundada, já que dos mais de 600 mil desempregados, 75% são justamente jovens de 15 a 24 anos, segundo a PNAD 2014.

## ESTUDANTE QUE TRABALHA

Para muitos jovens há um descolamento entre a trajetória educacional e o trabalho, pois ainda que se desenvolvam em diferentes cursos, o emprego disponível é quase sempre precário, com rotinas operacionais que não priorizam o seu desenvolvimento. Já para aqueles que conseguem oportunidades como aprendizes (programas ancorados na Lei de Aprendizagem), a questão é não conseguir conectar as experiências vividas no mundo do trabalho com o ensino médio e a continuidade de estudos.

Alexandre<sup>32</sup>, 23 anos, descreveu a sua rotina quando ingressou em uma grande empresa, na condição de aprendiz. Para começar, ele precisou transferir a sua matrícula para o noturno. Apesar de a jornada diária do aprendiz se estender por seis horas, na qual, teoricamente, ele poderia estudar pela manhã e trabalhar à tarde, na prática a cidade não ajudou, tornando as distâncias entre escola e trabalho impossíveis de serem vencidas no tempo esperado. Estudando à noite ele rompeu laços que já havia estabelecido com seus colegas de classe e se tornou aquilo que tinha receio: mais um jovem cansado que se limitava a responder à lista de presença.

Em contrapartida, Alexandre colocou toda a sua energia no trabalho. Ele lembrou bem das dificuldades do início: “Eu tinha 16 anos e todas as pessoas ali estavam formadas, pós-graduadas, era um mundo completamente diferente. O conhecimento técnico eu fui desenvolvendo, a questão era mais o comportamental mesmo, porque não sabia falar muito bem. É complicado você, jovem, se relacionar com gerentes e analistas formados nas universidades mais *tops*”. Para passar por essa fase ele contou que aos poucos foi superando as tarefas que lhe eram dadas e construindo pontes com outras pessoas da equipe para ampliar o seu aprendizado. A promessa de efetivação veio quando acabou a experiência de aprendiz, tamanho foi o seu desempenho. Mas ele próprio julgava não ser possível celebrar o mesmo sucesso em relação ao ensino médio.

Em alerta a essas questões, a rede estadual de Minas Gerais promoveu mudanças recentes no ensino médio noturno e na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Resultado de um processo participativo envolvendo gestores, professores e alunos, os documentos de orientações para o novo ensino médio noturno em 2016 acolhe as necessidades de um perfil de jovem trabalhador, que, como Alexandre, precisa conciliar a rotina de estudo com o trabalho.

Diante do alto percentual de abandono e reprovação na rede principalmente no primeiro ano do ensino médio, a Secretaria Estadual de Educação optou por estabelecer relação entre o percurso escolar e profissional, considerando que o mundo do trabalho também é um espaço de formação do sujeito. Nesse sentido, parte da carga horária é dedicada a conteúdos de “Diversidade, Inclusão e o Mundo do Trabalho”, em que os professores poderão trabalhar por projeto e de maneira interdisciplinar, promovendo diálogo entre as disciplinas tradicionais e a experiência do aluno vivenciada além dos muros da escola.

## ESCOLHA DE CARREIRA E ENTRADA NA UNIVERSIDADE

No fim do terceiro ano, as duas jornadas cumpridas diariamente por Alexandre, a da escola e a do trabalho, cruzaram-se: “A minha chefe falou: – Você só vai conseguir entrar aqui se você estiver inscrito na faculdade”. A notícia caiu como uma bomba. Como ele não se sentia preparado para passar em vestibulares de universidades públicas muito concorridos, resolveu matricular-se rapidamente em uma faculdade particular, onde o salário como efetivo pudesse cobrir.

Sem nunca ter feito uma reflexão apropriada de qual curso ingressar, a experiência de aprendiz mais uma vez fora o bote salva-vidas de Alexandre. Escolheu o curso ligado à área de Tecnologia da Informação, que era afim a suas atividades na empresa.

Porém, já no segundo ano da faculdade, o jovem se deu conta de que a sua escolha profissional havia se dado de forma pouco refletida. Ele concluiu após ponderar seus interesses e habilidades que gostaria muito de iniciar uma nova escolha na área da psicologia. E assim o fez.

A escolha de um curso no ensino superior é um drama para muitos jovens. Há casos em que paralisam por não conseguir escolher um curso, pois nenhum parece servir: “Eu pensei em fazer enfermagem, mas eu tenho aflição de doença, pensei em fazer direito, mas tem muita coisa para ler. Esse que é meu problema, eu sempre acho alguma coisa que me impede”, explica Jessica, que também deu seu depoimento na seção “Chamado para a Aventura”. A jovem confessa que, por conta da indecisão, prefere evitar assuntos relacionados a universidade: “Já deveria ter decidido”, assume com certa angústia.

O excesso de opções também pode causar a mesma paralisia. Eduardo, que contou sobre sua vivência no ensino médio, disse que o fato de gostar de teatro, *design*, animação e artes plásticas também dificulta a escolha e faz com que o ensino superior seja empurrado para depois.

É comum também jovens desejarem determinado curso porque é a profissão de alguém que consideram bem-sucedido, a patroa da mãe, por exemplo, quando, de fato, não possuem informações suficientes a respeito da carreira escolhida.

## NA UNIVERSIDADE

A entrada na universidade também reserva grandes obstáculos. A mesma dificuldade de construir laços com novos colegas de trabalho, por exemplo, acontece nas aulas universitárias. Com o agravante de que, com a mesma idade, a diferença entre as trajetórias fica ainda mais explícita. Principalmente para aqueles jovens que entram em universidade públicas, onde a maioria dos alunos são egressos de escolas particulares. Rodolfo, estudante da Universidade Federal do ABC, comenta: “Eu até tenho contato com um ou outro, mas é outra realidade a que eles vivem”. Essa situação exige que Rodolfo lance mão de uma estratégia para permanecer cursando a universidade, mesmo com tantas diferenças: “Eu tento focar no estudo. Tenho cinco ou seis contatos para perguntar sobre as matérias ou coisa assim”.

## PRINCIPAIS APRENDIZADOS:

# 1

Jovens estão buscando alternativas na área do empreendedorismo criativo por meio de coletivos. Apesar de indicar uma tendência, essa ainda não é uma realidade para a maioria, que é submetida a um mercado de trabalho marcado pela precariedade.

# 2

Há desafios na articulação entre a escola e o estudante que trabalha. Esse distanciamento faz com que o aluno não priorize os estudos e fique sem apoio para fazer suas escolhas de vida.

# 3

A escolha de carreira é um ponto crítico para a maioria dos recém-formados no ensino médio, que desconhecem informações básicas sobre cursos disponíveis e como acessar as universidades.

# 4

A permanência no mundo do trabalho e na universidade é uma tarefa árdua, sobretudo em espaços elitizados, já que a trajetória de vida dos jovens da periferia destoa da maioria. Entre outros desafios, a composição de novos vínculos sociais é uma grande dificuldade.



# REGRESSO

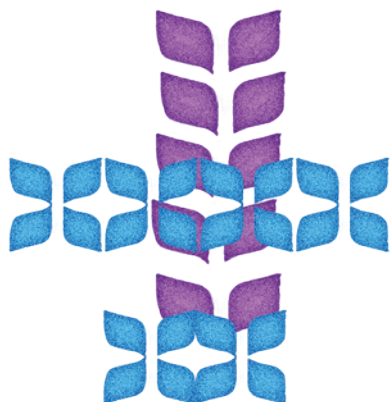
Para os jovens entrevistados, o retorno ao mundo comum é diário, pois cada dia por si só representa mais um episódio de uma grande jornada.

Cada dia é mais um passo desbravando fluxos, construindo novas pontes capazes de conectá-los àquilo que desejam.

Ao longo desta publicação foi possível conhecer trajetórias juvenis que conviveram com muitas adversidades, lançando mão de diferentes estratégias. Talita lutou por diálogo com a direção escolar, mas indicava alternativas para que essa realidade se estendesse aos colegas de turmas futuras. Larissa se esforçou para conseguir um lugar em escolas da rede particular com bolsa de estudos, ou em escolas públicas recomendadas por seus professores e colegas. Para isso encontrou maneiras de estudar acessando materiais na internet, enquanto ainda cursava o fim do ensino fundamental. Alexandre conquistou uma efetivação na empresa onde começou como aprendiz, e para isso precisou aproximar a sua experiência de trabalho com a continuidade dos estudos na

universidade. Israel inventou uma nova forma de trabalho a partir das suas habilidades e ideais. Eduardo compôs seu próprio ensino médio, conciliando, nesse período, cursos livres, técnicos, experiências de trabalho, formação política e identitária. E outros exemplos foram citados no decorrer do estudo. A história de cada um deles é rica demais para caber em uma narrativa linear, pois ela se forja na pluralidade, na incidência de muitas jornadas que se entrelaçam e constroem quem são.

Conclui-se que os jovens podem encontrar respostas criativas para superar os desafios que aparecem em suas vidas. Mas também fica evidente que essas respostas florescem com mais facilidade e vigor se



o jovem puder contar com uma rede de apoio que contenha pessoas e organizações (públicas e privadas) que estejam de fato abertas para aprimorar práticas a partir do diálogo com o público juvenil. As políticas e programas para a juventude ganham mais eficácia e sustentabilidade, justificando sua existência, quando participam ativamente dessa conversa.



# ELIXIR

A recompensa da saga do herói é o elixir. Para a jornada percorrida por esse estudo, ele se concretiza nos aprendizados e nas recomendações elencadas abaixo.

As redes de relacionamentos são peças-chaves nas estratégias dos jovens para alcançar oportunidades. Elas se concretizam em todos os espaços: bairro, cidade, escola, trabalho e nos canais digitais. Políticas

voltadas para a juventude precisam dedicar esforços para ampliar essa rede, aproximando os jovens de outros *hubs* que os conectem a novas experiências. Também é fundamental o fortalecimento dos laços fortes, rede de amigos, família, para que os jovens possam compartilhar uns com os outros os novos fluxos para alcançar oportunidades que cada um conseguiu desbravar em sua vivência.

## PRINCIPAIS RECOMENDAÇÕES PARA POLÍTICAS E PROGRAMAS VOLTADOS PARA A JUVENTUDE:

**Território:** é preciso reconhecer que, além da diversidade juvenil, há também diversidade entre as periferias e dentro delas. As peculiaridades de cada território influenciam muito o vínculo do jovem com o seu bairro e a sua relação com a cidade.

**Cidade:** a apropriação da cidade é essencial para que o jovem possa lançar-se em novos desafios. Uma forma de apoiar esse processo é dar condições para que ele se sinta seguro para explorar lugares e ousar novos olhares, aprendendo a reconhecer as oportunidades que a cidade tem a oferecer.

**Protagonismo:** é urgente levar a sério o protagonismo juvenil, não só em caráter consultivo, mas considerando a construção conjunta. Esse aspecto exige um exercício constante no planejamento de conteúdos ofertados aos jovens, pois, ao mesmo tempo que precisam estar conectados com os interesses juvenis, também precisam promover a ampliação desses interesses, priorizando a expansão do repertório sociocultural já conquistado.

**Participação:** o dinamismo das intervenções é primordial para manter o engajamento juvenil. Participar de diversas ações simultaneamente é uma prática natural para esse público. Para gestores sociais é preciso considerar em suas intervenções as novas formas de participação dos jovens, que, apesar de não privilegiar a frequência linear, é capaz de manter a intensidade e o envolvimento com a proposta.

**Família:** em programas para juventude também é preciso cuidar da relação com as famílias, traçando estratégias de comunicação direta que facilitem a compreensão do projeto e seus objetivos para o desenvolvimento do jovem em longo prazo.

**Profissão:** para apoiar os jovens na escolha de profissões, um passo importante é a experimentação de diversas áreas do conhecimento por meio de oficinas, que poderiam ser realizadas em instituições do bairro: Organizações da Sociedade Civil, centros culturais, empresas, coletivos, etc. Essas experimentações também poderiam ocorrer articuladas a experiências de trabalho, a exemplo dos programas de aprendizagem. É fundamental, no entanto, que o jovem receba apoio para refletir sobre essas vivências para que consiga conectá-las aos seus interesses e habilidades, compondo assim o seu projeto de vida.



**Lei de Aprendizagem:** em relação aos programas de aprendizagem, investir em algumas ações pode potencializar os efeitos do programa, como: 1) estimular empresas de menor porte a contratar aprendizes, aumentando a oferta de contratações nas regiões periféricas; 2) permitir maior rotatividade entre áreas e funções na empresa, contribuindo para enriquecer o caráter experimental; 3) investir na preparação e no apoio aos tutores que recebem os jovens em ambientes corporativos.

**Informação:** é fundamental a oferta de um serviço agregador de oportunidades públicas e privadas para as juventudes. Um serviço que possa estar próximo do jovem, em seu bairro, em equipamentos públicos, como centros culturais, e que conte com profissionais para acompanhamento individualizado, oferecendo atendimento que o ajude a conhecer oportunidades de desenvolvimento, ao mesmo tempo que o auxilie na valorização de experiências em um portfólio/currículo.

**Inovação:** é preciso reconhecer as inovações já em curso desenvolvidas pelas juventudes que usam a criatividade para reinventar formas de produção e geração de renda. Linhas de financiamento específicas para jovens e assessorias que possam dialogar com o “fazer”, são fundamentais para viabilizar essa proposta.

**Permanência:** além de desenvolver estratégias que facilitem a inclusão dos jovens em diferentes lugares, como equipamentos culturais, empresas e universidades, é fundamental ter ações de acolhimento para novos integrantes. Ficou evidente que o cruzamento de fronteiras representa um enorme desafio para as juventudes da periferia, mas que não acaba por aí. Após acessar esses novos espaços, o jovem ainda precisa enfrentar outras dificuldades diárias para garantir a sua permanência nesses locais, e para isso é primordial existir ações que o apoiem.

**Intersetorialidade:** a articulação entre as organizações do território e as diferentes políticas sociais é fundamental para que o percurso juvenil seja mais rico e conte com experiências plurais que contribuam para a sua formação. Ações planejadas e implementadas por setores diversos têm se mostrado um caminho que está sendo percorrido para o fortalecimento de políticas para a juventude. Porém, a intersetorialidade traz grandes desafios no campo da implementação para que de fato as ações aconteçam orquestradas no território. A composição de uma agenda periódica que contenha a articulação de grupos intersetoriais que se reúnem para planejar ações conjuntas pode ser um importante passo nesse sentido.

**Equidade Étnico-racial:** ficou evidente que para os jovens negros (pretos e pardos) somam-se a todas as camadas da desigualdade social as marcas do racismo estrutural que estão presentes nos diversos organismos da sociedade, tais como escola, universidade, mercado de trabalho, mídia e cidade. É fundamental a formulação de políticas que combatam o racismo e garantam o acesso e a permanência da população negra a oportunidades de educação e geração de renda.

**Equidade de gênero:** as barreiras condicionadas pelo gênero estão demonstradas em diversas fases da trajetória juvenil. Já na vivência do próprio bairro, é comum observar como as jovens permanecem mais confinadas, geralmente atribuladas com tarefas domésticas, em relação aos meninos. Situações como essas, associadas ao contexto de machismo da sociedade, colocam em desvantagem o gênero feminino.

Em 20 de maio, tive a primeira oportunidade de participar de um encontro especial entre este estudo e o público que ele investiga, os jovens. Aconteceu em 20/05/2017, no Círculos de Leitura, no espaço que carinhosamente recebe o apelido de “casinha”, que de “inha” só tem a forma delicada em que acolhe todos que passam por lá. Achei que faríamos uma leitura conjunta do material, mas não foi o que aconteceu. Nas mãos dos jovens a publicação ganhou outras dimensões. Um conjunto de textos e imagens passou a ser um mar por onde navegamos e imergimos por diferentes significados, percepções e sensações. Ao decifrar os capítulos, palavras e ilustrações, tive uma aula sobre a produção dos Novos Fluxos. Pude constatar que, quando uma obra é do mundo, ele nos ensina a redescobri-la quantas vezes for preciso.

Fernanda Zanelli

## NA QUEBRADA

Aqui estamos nós, jovens sem voz  
Entontado estou, não sei pra onde vou  
E a minha quebrada  
Agora se vê desmembrada

O medo me consome e não sei pra onde olhar  
Eu sou um bloco nesse muro  
Foi difícil me encaixar  
E agora querem me tirar?

Ah, me respeita, sou da periferia  
Mas continuo sendo uma parte do sistema  
A bala não me abala, violência enraizada mata jovem na calada  
Sociedade hipócrita, cultura machista, periferia segue de forma maciça

Sociedade exclusiva  
Conseqüentemente assassina  
Que mata os meus sonhos  
Não vendo meu tamanho

Mas existe a rede, que quebra a parede  
Da desigualdade, nessa louca sociedade  
Somos jovens no escuro  
Até atravessar o muro

A vontade de mudança mantém firme minha esperança  
Preso na teia  
O jovem anseia  
E mesmo sozinho sigo o caminho

O desafio é grande, e o sonho é maior ainda  
Pra um novo mundo eu dou boas-vindas  
Universo imerso no seu mundo de méritos  
Se baseiam em nota pra rotular o sucesso

A luta é constante na periferia  
E ainda tentam me convencer da tal meritocracia?  
Quero oportunidade, visibilidade  
Voz e poder pra encarar a sociedade

Fugir ou ficar  
Eis o dilema  
Já que é rap  
Joga a culpa no sistema

**(2x)**

Novos fluxos na busca por oportunidade,  
No início da história me vem o chamado de ir  
Encontro um mentor que me mostra a travessia  
A aventura que regresso com o elixir

**Rap produzido pelos jovens do Círculos de Leitura do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, em 20/05/2017.**





## AGRADECIMENTOS

Não poderíamos encerrar esta publicação sem agradecer a cada um dos jovens que nos confiaram suas histórias de vida, que foram a base para este estudo audacioso, como sempre é para aqueles que se dedicam a olhar para as complexidades juvenis.

Nem seria possível deixar de reconhecer o empenho da equipe do Círculos de Leitura, em especial Catalina Pagés, e a equipe do programa Jovens Urbanos, incluindo a rede de organizações e participantes da 8ª (oitava) edição no Capão Redondo e na Brasilândia, fundamentais para viabilizar contatos e materiais que enriqueceram o desenvolvimento desse trabalho.

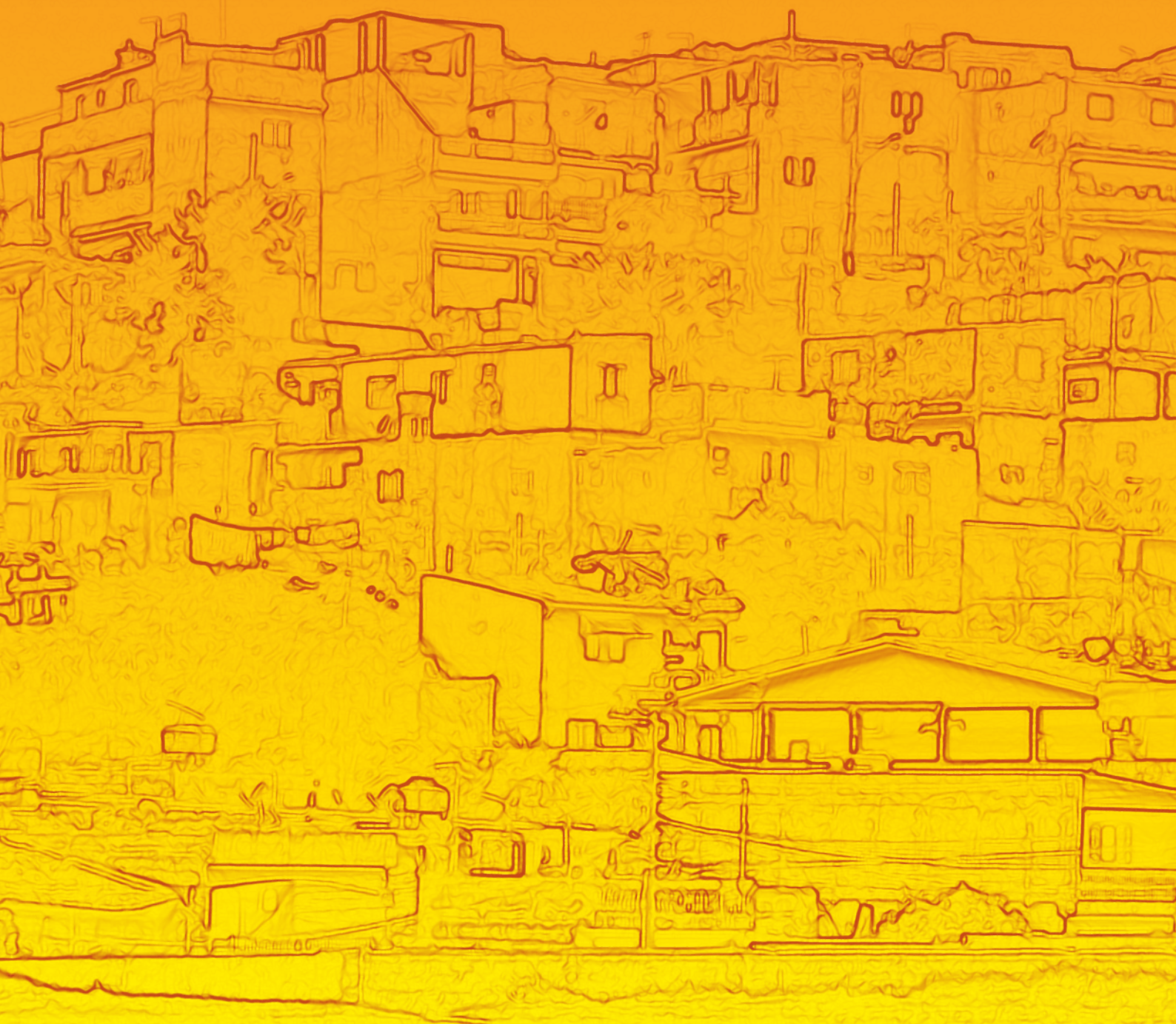
Aos gestores públicos que aceitaram contribuir para este estudo, nosso muito obrigado.

Também agradecemos a Paulo O'Meira, arquiteto, urbanista, ilustrador, grafiteiro e atuante junto a grupos juvenis nas periferias de São Paulo, que aceitou o convite de colocar a sua arte nas páginas desta história. Seu trabalho deu vida ao estudo, ilustrando sentimentos e descobertas dessa jornada.

Por fim, não poderia haver ponto-final sem agradecer a quem esteve no começo. É com enorme carinho que agradecemos à Isabel Cristina Santana, por ter acreditado na proposta deste estudo e dado a ele um coração que, já de início, batia forte.



DIMENSIONAL  
DISPERSED  
TEMPERATURE  
FLUXOR





ONLY THE BEST FRIENDS CAN  
APPROPRIATELY LEAD TO  
TEMPORARY MEDICAL  
CARE



